

LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

A capital urbana de um município de cidadãos romanos

espaço(s) de representação de cidadania

LÍDIA FERNANDES
PAULO ALMEIDA FERNANDES
Coordenação Científica

LISBOA
ROMANA — *FELICITAS IULIA OLISIPO*

A capital urbana de um município de cidadãos romanos

espaço(s) de representação de cidadania

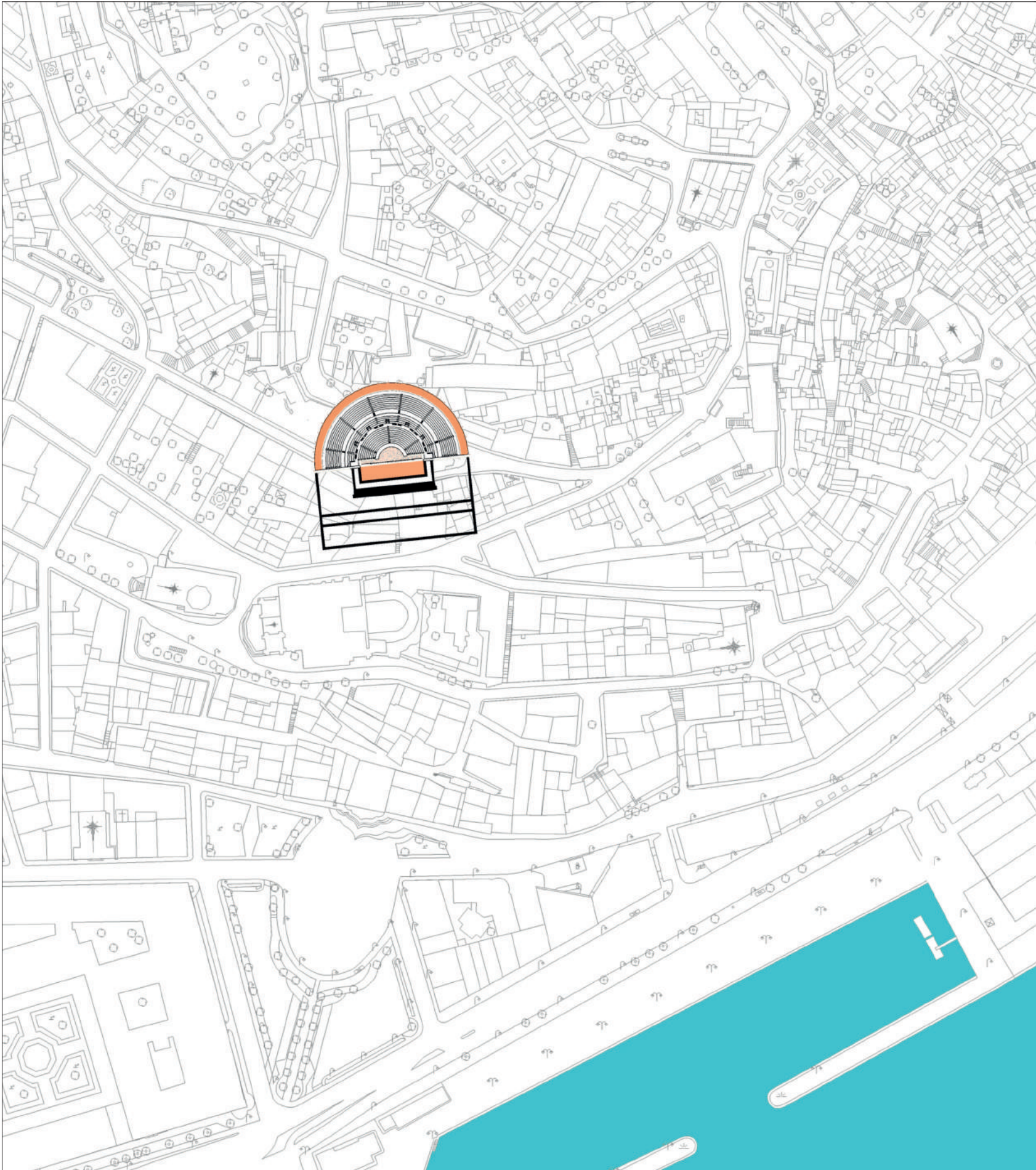
LÍDIA FERNANDES
PAULO ALMEIDA FERNANDES
Coordenação Científica

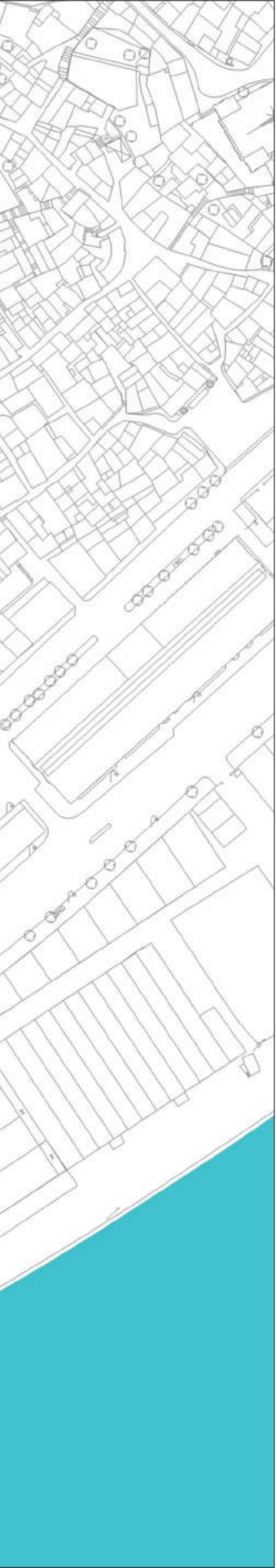
ALEXANDRA GASPAR
ANA GOMES
ANA VALE
ANTÓNIO VALONGO
CARLOS CABRAL LOUREIRO
CARLOS FABIÃO
CAROLINA GRILO
CRISTINA NOZES
HELENA PINHEIRO
JACINTA BUGALHÃO
LÍDIA FERNANDES
MARIA TERESA CAETANO
NUNO NETO
PAULO ALMEIDA FERNANDES
PAULO REBELO
PILAR REIS
RAQUEL HENRIQUES
RAQUEL SANTOS
RICARDO ÁVILA RIBEIRO
RODRIGO BANHA DA SILVA
VANESSA FILIPE
VASCO NORONHA VIEIRA
VICTOR FILIPE

calei
dos
ópio

Sumário

7	Apresentação	104	O espaço privado
8	Nota Introdutória	105	As Ruas da Sé de Lisboa ALEXANDRA GASPAR; ANA GOMES
11	<i>Felicitas Iulia Olisipo:</i> a capital urbana de um município de cidadãos romanos - espaço(s) de representação de cidadania LÍDIA FERNANDES PAULO ALMEIDA FERNANDES	110	A <i>Domus</i> romana dos Antigos Armazéns Sommer (Lisboa) NUNO NETO; PAULO REBELO; RICARDO ÁVILA RIBEIRO; VASCO NORONHA VIEIRA
14	Espaços de sociabilidade: os edifícios de carácter público	122	Estruturas públicas e domésticas de época romana no edifício da Rua dos Bacalhoeiros, n.º 16-16D/Arco das Portas do Mar, n.º 1-5 HELENA PINHEIRO; RAQUEL SANTOS
15	Em busca do <i>forum</i> de <i>Olisipo</i> CARLOS FABIÃO	128	A ocupação romana na Rua Victor Cordon 29-33/ Rua do Ferragial 6-10A ANTÓNIO VALONGO
26	O <i>Theatrum</i> de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> LÍDIA FERNANDES	132	Arquitetura, Arte e Engenharia
52	O Circo de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i>: um monumento lúdico romano ANA VALE; LÍDIA FERNANDES; CARLOS CABRAL LOUREIRO	133	Sistemas construtivos de cronologia romana de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> LÍDIA FERNANDES; PILAR REIS
68	Espaços de sociabilidade: os <i>balnea</i>	166	A cerâmica em <i>Felicitas Iulia Olisipo</i>, formas, funções e decorações CAROLINA GRILO
69	As <i>Thermæ Cassiorum</i> RODRIGO BANHA DA SILVA; CRISTINA NOZES	178	Mosaicos Romanos de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> MARIA TERESA CAETANO
80	Banhos termais na Rua da Adiça, Alfama VANESSA FILIPE; RAQUEL SANTOS	190	A decoração arquitetónica de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> ou como a cidade se mostrou LÍDIA FERNANDES
86	Estruturas termais do Beco do Marquês de Angeja, Lisboa VICTOR FILIPE	214	Da cidade romana à cidade medieval: “desmonumentalização” e reconfiguração urbana PAULO ALMEIDA FERNANDES; LÍDIA FERNANDES
90	Paredes romanas com pintura mural na Travessa do Ferragial 1-14, Lisboa ANTÓNIO VALONGO; RAQUEL HENRIQUES	232	Referências
94	Um <i>balnea</i> da baixa de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i>. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros JACINTA BUGALHÃO	246	Lista de Autores





O *Theatrum* de *Felicitas Iulia Olisipo*

LÍDIA FERNANDES

Analisa-se no presente trabalho o contexto da edificação do teatro romano de *Felicitas Iulia Olisipo*, assim como os modelos que estiveram subjacentes. A construção deste edifício, a meia encosta da atual colina do Castelo de São Jorge, procurou um efeito cenográfico e propagandístico evidente sendo imediatamente visível por todos quantos chegavam à cidade pelo rio *Tagus*. Analisa-se a decoração do monumento cénico, quer a que possuiria em tempos de Augusto, quando foi edificado, quer a referente à sua remodelação ocorrida no ano 57 d.C.

O primeiro teatro de pedra construído em Roma foi o conhecido teatro de Pompeu, inaugurado por aquele general romano no ano 55 a.C..

Se pensarmos que o teatro é de origem grega e que, desde há muito eram conhecidos teatros em pedra, sendo o mais antigo o de Dionísio Eleutério em Atenas, edificado no longínquo século V a.C., é difícil perceber porque só tão tardiamente surge um teatro pétreo na capital do que virá a ser o império romano. Com efeito, durante muito tempo o senado de Roma interditou a construção de edifícios permanentes argumentando que os gregos eram um povo pouco energético e que a concentração de um grande número de pessoas num espaço encerrado não seria

benéfica para a saúde, favorecendo também o eclodir de rixas e desacatos (Grimal, 2002).

Esta oposição do Senado é particularmente insólita perante a existência de variadíssimos teatros na Península Itálica. Os teatros de Pietrabbondante, Pompeia, Pérgamo, Cápuia, Tindari, Teano, são edificados no século II a.C., existindo outros ainda mais antigos. Em comparação, apenas em 55 a.C. Cneu Pompeu Magno (106–48 a.C.) consegue edificar no Campo de Marte um teatro de pedra. Ainda assim, para ser autorizada a sua construção, teve de erigir um templo dedicado à deusa *Venus Victrix*, Vénus Vitoriosa, de forma a que o Senado não se opusesse. Como o próprio Pompeu afirmou, construiu-se um templo em honra da deusa com degraus à sua volta.

FIG. 1

Localização do teatro romano de Lisboa na malha urbana atual
(Planta de Carlos Cabral Loureiro, Museu de Lisboa / EGEAC).

Desde cedo que a ligação entre religiosidade e teatro se manifestou. As duas vertentes estão intrinsecamente ligadas e não podemos pensar no teatro romano apenas como um edifício lúdico. Era no teatro que se manifestava o culto às divindades do panteão romano, mas, igualmente, onde se plasmava o culto ao imperador e à sua família, o que ocorre especialmente a partir do século I d.C. quando o teatro passa, progressivamente, a desempenhar um papel fulcral na veiculação da ideologia imperial.

O facto de os edifícios teatrais serem abertos a toda a população, sem restrições, transforma-os em “cidades dentro da cidade” onde a população se distribui pelas bancadas de acordo com o seu estatuto social e económico. Esta democracia, somente aparente, espelha a hierarquia social da sociedade e constitui o lugar ideal para atos de proselitismo, divulgação de mensagens políticas e captação de apoios populares. O maior ou menor número de aplausos na entrada de qualquer relevante personagem no interior do espaço cénico, constituía um barómetro da sua popularidade.

Religião e teatro são, deste modo, vertentes intrinsecamente ligadas entre si. Uma representação cénica ocorria por ocasião de uma festividade religiosa ou em agradecimento a alguma dádiva divina, ou como oferta aos deuses pelo auxílio concedido numa vitória militar, não faltando ocasiões para comemorações deste tipo.

É fácil entender que o teatro representava um espelho da sociedade. Era onde se ia para ver e para ser visto. Era o local onde as camadas mais ricas da população ostentavam a sua riqueza e mostravam as últimas modas.

Por todas estas razões, os teatros representam a própria romanidade. São a materialização física de uma nova urbanidade introduzida pelo império romano. Não é, pois, de estranhar que a maior parte das cidades se orgulhasse de possuir um edifício

cénico sendo a sua construção causa e efeito da relevância que elas próprias detinham.

Na Península Ibérica são conhecidos 24 monumentos cénicos, embora o seu número fosse, originalmente, muito superior. Na província da Lusitânia, no entanto, apenas se encontram registados arqueologicamente três teatros: o da capital da província, *Augusta Emerita*, atual Mérida, em *Metellinum* (Medellín), pequena povoação a cerca de 30 km de Mérida e, em *Felicitas Iulia Olisipo*, Lisboa.

Naturalmente que a Lusitânia possuiria outros edifícios teatrais. Cidades como *Salmantica* (Salamanca), *Norba Caesarina* (Cáceres), *Ebora* (Évora), *Myrtillis* (Mértola), *Conimbriga*, *Ammaia* (S. Salvador de Aramenha) ou *Balsa* (Luz de Tavira) teriam, decerto, edifícios cénicos na sua malha urbana. Infelizmente não foram identificados arqueologicamente ou por se manterem subjacentes a edifícios atuais ou por não terem sido até ao momento intervencionados arqueologicamente. Ainda em território nacional contamos com outro teatro, do século II d.C., localizado em *Bracara Augusta* (Braga), não estando finalizada a sua escavação, embora esta cidade integrasse a província romana da Tarraconense que teria a sua capital em *Tarraco* (Tarragona, Espanha).

Contexto da edificação do teatro

Sabemos hoje que o teatro romano de Lisboa foi edificado no primeiro momento de monumentalização da cidade (Cf. entre outros títulos Fernandes, 2007b; 2013) (FIG. 1). A conquista de Lisboa não deve ter suscitado grandes confrontos militares uma vez que conquistados e conquistadores se conheciam desde há muito, especialmente devido ao estabelecimento de relações comerciais. A situação geográfica da antiga *Olisipo* decerto propiciou desde cedo relações com outros



FIG. 2

Imagem de reconstituição do teatro romano de Lisboa na malha urbana atual (Montagem de Carlos Loureiro - Museu de Lisboa / EGEAC).

povos criando-se precocemente uma “romanização não oficial”.

A atribuição do direito latino à cidade, à qual se pode associar idêntico processo em outras cidades da antiga Lusitânia, como Évora e Beja, terá ocorrido entre 31 e 27 a.C. sendo que a “...concessão daqueles *cognomenta*, sempre acompanhada de estatutos jurídico-administrativos privilegiados, constitui uma das materializações do ideário político traçado por Octaviano enquanto único e verdadeiro depositário da herança de Júlio César, entretanto divinizado” (Faria, 2001, p. 351). Octaviano, depois Augusto, é a peça chave na reorganização dos territórios e na instauração do império¹.

Vemos, pois, que no século I a.C. a romanização do território estaria implementada, acompanhando, de resto, a administração latina aplicada a toda a Península Ibérica. Não podemos esquecer que a fundação da cidade *Augusta Emerita*, criada e fundada

para os veteranos de guerra das batalhas contra Cântabros e Ástures, data do ano 24 a.C. e que, pela documentação epigráfica, se sabe que o seu teatro é construído por volta do ano 16-15 a.C. e o anfiteatro no ano 8 a.C.. Embora atualmente estas cronologias se encontrem em revisão (Mateos Cruz e Pizzo, 2018) e sejam perceptíveis várias fases construtivas ou de remodelação operadas num tempo longo, sublinhou-se a edificação destes dois edifícios com inscrições que, no caso do teatro, foram colocadas nos lintéis das duas entradas monumentais, os *aditi maximi*. Aí se inscreve o nome do benfeitor que ordena a construção da obra: Marco Vipsânio Agripa, braço direito de Augusto.

As primeiras edificações da capital da Lusitânia foram, assim, o teatro e o fórum colonial com o respetivo templo de culto imperial (Barrera Antón, 2000). A criação de uma cidade era acompanhada pela construção de edifícios que atestavam a sua relevância. Neste

contexto, a construção do teatro e do templo parece-nos paradigmática no que respeita às razões que levaram à sua precoce edificação. Estes dois complexos monumentais, para além da ponte sobre o rio Guadiana, inscrevem-se nas primeiras obras públicas então realizadas. Têm em comum uma mensagem propagandística e de exaltação do império. Uma demonstração de poder e, simultaneamente, um reconhecimento da sua relevância cidadina e plena integração num império que alcançara a paz. Não podemos esquecer que somente em 28 a.C. é alcançada a *Pax Romana*, com a vitória contra Cântabros e Ástures no norte da *Hispania*.

A escolha de tais monumentos cumpre, afinal, objetivos bem precisos que concorrem para uma consolidação do poder político. Este modelo será, naturalmente, replicado em outras cidades e é neste contexto que devemos entender a construção do teatro de *Felicitas Iulia Olisipo* nos primeiros momentos da monumentalização da nova urbe.

A escolha do local, a meia encosta do atual castelo de S. Jorge, levou a que esta enorme construção, com uma capacidade de cerca de 4.000 espectadores, marcasse o perfil citadino, constituindo um dos maiores volumes arquitetónicos de então (FIG. 2). A sua implantação procurou o máximo efeito, sendo visível especialmente por quem entrava na cidade pelo rio sendo evidente a sua função propagandística (Fernandes, 2007b; 2013; 2017a). Com esta marca do território, a cidade afirmava-se como parte do império romano orgulhando-se desta construção dos primeiros tempos do domínio romano. Curiosamente, vai ser precisamente esta lembrança de Augusto que ditará o futuro arquitetónico do edifício.

Com efeito, este impacto construtivo marca tão profundamente a cidade que, ao longo da época romana os primeiros edifícios perdurarão. Vincula-se uma *traditio* e uma *consuetudo itálica* que respeitará os

primeiros edifícios da época da fundação, mantendo-os como sinal de glorificação.

O modelo do teatro de *Felicitas Iulia Olisipo*

O teatro de *Olisipo*, da época de Augusto é, assim, o herdeiro de uma longa tradição de arquitetura cénica com vários exemplos espalhados pelo império. Apesar de existir um modelo a seguir, herdeiro do teatro grego, cada monumento cénico a construir em determinado local adota especificidades que o individualizam, sendo as mais relevantes a topografia e a matéria-prima disponível.

Durante algum tempo pensou-se que o teatro de *Olisipo* denunciava uma influência grega (Moita, 1970b) devido à sua implantação no terreno, morfologia quase orgânica que aproveitou a encosta para encaixar as bancadas. No entanto, esta é também uma característica da edificação latina, um pragmatismo construtivo que aproveita o existente para dele tirar o máximo partido rentabilizando os recursos naturais. Constituía, de igual forma, uma solução para a necessária rapidez de construção. Este imediatismo impunha-se, pois dele dependia a efetivação do poder político e a concretização de um projeto de urbanidade que cortava, em definitivo, com o paradigma populacional até então conhecido.

O modelo vitruviano

Mas existe um verdadeiro modelo de teatro romano e que nos é transmitido por um dos arquitetos da época de Júlio César e Augusto. O seu autor é Marco Vitruvíio Polión e a sua obra, organizada em dez volumes, tem a designação *De Architectura*. O autor descreve o teatro romano, distinto do grego, que igualmente menciona, no Livro V.

Ao iniciar a análise sobre este tipo de edifícios refere Vitruvíio: “Uma vez estabelecido o



FIG. 3

Perspetiva geral do sítio arqueológico do teatro romano, de nordeste para sudoeste
(© José Avelar - Museu de Lisboa / EGEAC).

foro, dever-se-á escolher para o teatro o lugar mais saudável possível, para a realização dos espectáculos dos jogos nos dias festivos dos deuses imortais” (Livro V, Cap. III, 1)². Deste modo, o arquiteto confirma que os dois edifícios mais relevantes na cidade, como certificámos com o exemplo de *Augusta Emerita*, são o fórum e o teatro.

Prossegue Vitruvius, referindo que “Providenciar-se-á também que não receba o ímpeto do Sul. Com efeito, quando o sol enche a *cavea*, o ar fechado dentro, sem ter possibilidades de se renovar, inflama-se (...) esvaindo a humidade dos corpos”³. No caso do teatro

de Lisboa, a sua implantação não poderia ser mais contrária ao que o arquiteto romano afirma. A fachada cénica do teatro está orientada a sul, sendo o eixo do monumento precisamente norte/sul. Não é pertinente duvidar do conhecimento do tratado vitruviano por parte dos arquitetos/engenheiros responsáveis pela construção do teatro de *Olisipo*, pelo que a razão subjacente à orientação do mesmo suplantou as questões de conforto e salubridade que Vitruvius mencionava. Como acima referido, a função propagandística da implantação ultrapassou quaisquer outras razões na eleição do local.



FIG. 4

Em primeiro plano, junto à escala, pedra colocada num dos muros radiais do teatro com marcação incisa. Esta pedra é a única nesta estrutura integralmente feita em *opus caementicium* (© José Avelar - Museu de Lisboa / EGEAC).

No entanto, este parece constituir o único aspeto em que o teatro lisiponense se afasta dos preceitos do arquiteto romano. A sua localização a meia encosta levou a que a mesma fosse aproveitada, tendo o afloramento rochoso do declive sido talhado para a implantação da parte inferior do teatro (FIG. 3). Deste modo, parte dos degraus da *imma cavea*, assim como parte da entrada monumental do lado nascente, o *aditus maximus*, foram talhados no afloramento natural o qual está presente em todo o seu assentamento o qual, para cumprir tal objetivo foi nivelado (Fernandes, 2017a).

É precisamente neste primeiro momento dos trabalhos de construção que é possível perceber de que forma o plano de arquitetura foi implementado no terreno. O deficiente estado de conservação do teatro romano permitiu, devido a essa mesma circunstância, reconhecer a rocha em grande parte da

área intervencionada arqueologicamente. Os silhares esquadriados, o mármore de que se revestiu, assim como as pedras que aí se encontravam foram sendo reutilizadas ao longo dos séculos na construção de outros edifícios. Os muitos cataclismos sísmicos que a cidade sofreu, como o terramoto de 1755, mas especialmente a reconstrução subsequente, levaram a que tudo fosse reaproveitado. Deste modo, não se conservaram os níveis de silhares que terão sido colocados por cima do afloramento rochoso. Este foi desbastado e nivelado, como acima referido, tendo sido marcadas incisões, marcas orientadoras que definiram os locais de colocação das fiadas de pedra que se sobrepunham e que constituiriam o nível base da construção.

Várias marcas subsistem. Estas são evidentes no afloramento natural, mas igualmente nas bancadas, situadas a cotas bem mais elevadas, quando o afloramento não se encontra

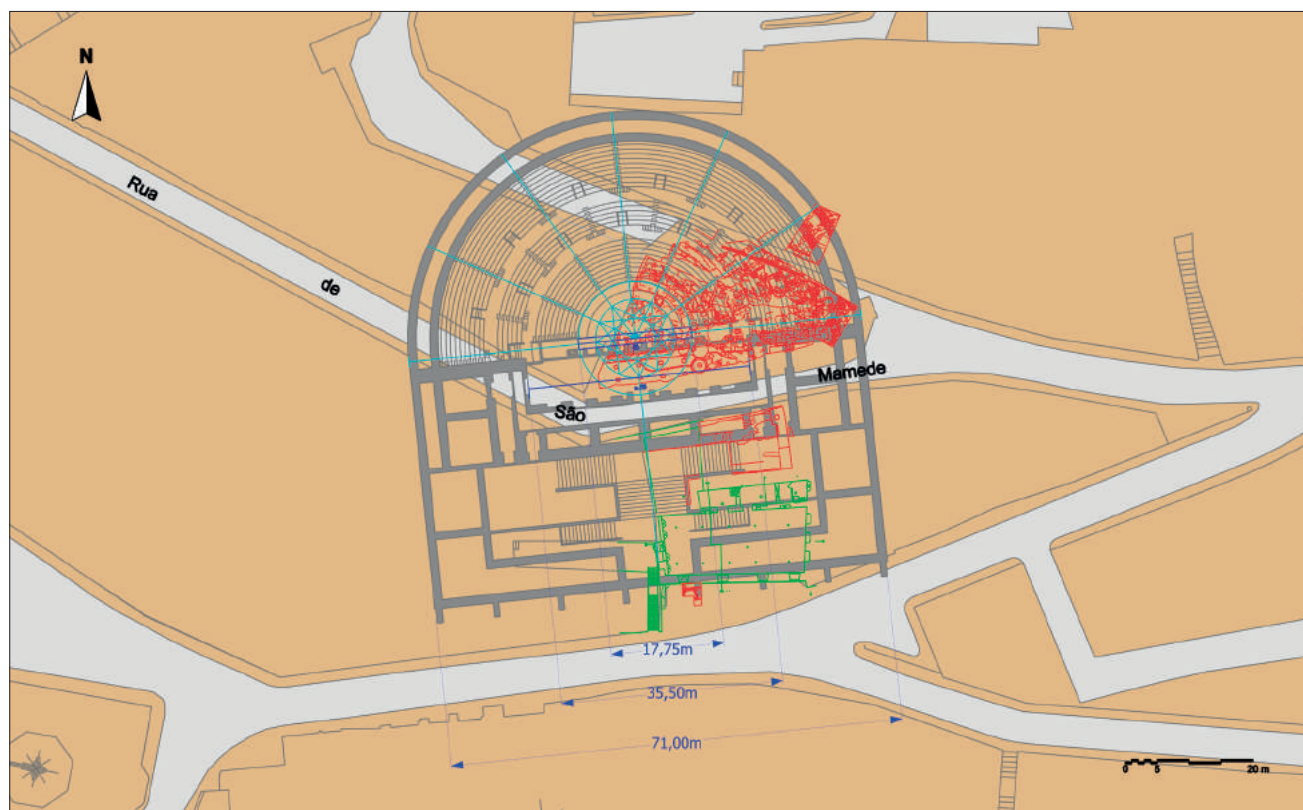


FIG. 5

Desenho de reconstituição do teatro romano de Lisboa com a marcação a vermelho da área colocada a descoberto e a azul os triângulos e círculo, geradores da planta do monumento e respectivas dimensões (© Carlos Loureiro - Museu de Lisboa / EGEAC).

presente (FIG. 4). Para esta marcação, foram colocadas pedras, assentes em *opus caementicium* de modo a permitir a realização de traços incisos que possibilitavam a transposição do plano teórico / desenho arquitetónico, para o terreno.

A planta do teatro de *Felicitas Iulia Olisipo* seguiu, de perto, as normas vitruvianas. Na verdade, este decalque dos preceitos vitruvianos representou um precioso auxílio na reconstituição da planta total do teatro. Tendo, até ao momento, sido intervencionado arqueologicamente, pouco mais de um terço do monumento, é possível delinear a planta total por vários motivos: por um lado, os teatros romanos são muito semelhantes entre si, possuindo um número restrito de partes constituintes; por outro, se tomarmos as dimensões prescritas por Vitruvius elas encaixam no teatro de *Olisipo*. Por fim, uma

das características da arquitetura romana é a simetria e a axialidade. Conhecendo o eixo do teatro é possível desdobrar a planta e propor um plano igual para o lado oposto, o qual permanece sob os edifícios construídos após o terramoto de 1755 (FIG. 5).

Vitrúvio apresenta um sistema construtivo baseado numa regra modular. No caso dos teatros esse módulo parte do diâmetro da *orchestra*, ou seja, o espaço semicircular destinado à elite cidadina a qual será determinada do seguinte modo: “A planta do teatro deverá ser elaborada, de modo que, determinado o perímetro da base, se trace uma linha circular a partir do centro e se inscrevam nela quatro triângulos de lados iguais. (...) Destes triângulos, aquele cujo lado estiver mais próximo da cena determinará aí, na linha que intersecta a curvatura do círculo, o lugar da frente da cena, sendo traçada pelo centro do círculo

uma linha paralela a esta que fará a separação entre o estrado do proscénio e a zona da orquestra” (Livro V, Capítulo VI, 1).

Apenas se encontra a descoberto, como acima mencionado, uma parte do teatro (Fernandes, 2017a). Pensamos que o seu limite exterior poderá corresponder ao muro detetado em 1989 no limite da área de escavação. A ser correta esta ideia, o teatro teria um diâmetro de 71 m, ou seja 240 PR (o equivalente a 2 *Actus*). Esta dimensão somente se tornou totalmente compreensível após se ter descoberto, na área onde hoje se localiza o Museu de Lisboa – Teatro Romano (edifícios situados a sul da Rua de S. Mamede e a norte da Rua de Augusto Rosa), a continuação do monumento romano para sul, ou seja, estruturas que correspondem ao tardoz do edifício cénico onde se localizaria o *porticus post scenam*. Tais estruturas de contenção e do pórtico inscrevem-se naquela delimitação geométrica da totalidade da área destinada ao monumento cénico.

Esta normalização métrica, a regularização e demarcação da área destinada ao teatro, comprova a existência de um projeto inicial que salvaguardou, desde o início, o local que lhe seria destinado. O mesmo deve ter acontecido em relação ao fórum municipal o qual não foi, até ao momento, identificado fisicamente ainda que algumas propostas de localização, sejam mais viáveis que outras. Sublinhamos, no entanto, que raramente o teatro se localiza acima da grande praça pública e do respetivo templo de culto imperial. Trata-se de uma posição de hierarquia, de uma progressão simbólica que os vários monumentos estabeleciam entre si. Parece-nos natural que a praça pública e, no seu interior, o templo, se localizasse a um nível superior ao do teatro. As vias que permitiam aceder à parte superior das bancadas do hemiciclo apoiado na encosta poderiam, simultaneamente, dar acesso à praça aí localizada. É esta a hipótese de reconstituição

que temos vindo a desenvolver ao longo do trabalho de investigação realizado no teatro romano de Lisboa.

O facto de termos encontrado vários muros de contenção que definem patamares entre si, os quais podem ou não ter uma utilização funcional, permite delinear este modelo. Mencionamos, apenas como exemplo, a intervenção arqueológica realizada na Rua da Saudade n.º 7 onde foi detetada uma estrutura de contenção no sentido nascente/poente e que prolonga, afinal, o *post scenam* encontrado no interior do atual museu (subjacente à fachada da Rua de São Mamede) (Fernandes *et al.*, 2015).

O modelo da capital de província

Na edificação do teatro de *Felicitas Iulia Olisipo* não podemos esquecer a influência determinada pelo teatro mandado erigir em *Augusta Emerita* por Marco Agripa. A semelhança que se observa entre os dois edifícios é evidente, o que é sublinhado por similares opções decorativas. Podemos, pois, afirmar que a influência da capital foi determinante e que, muito provavelmente, alguns dos responsáveis da edificação de um teatro foram também intervenientes na construção do outro.

O mesmo se poderá dizer em relação ao teatro da cidade de *Mettelinum*, atual Medellín (junto a Mérida), com um monumento cénico semelhante ao de Lisboa e ao de Mérida (Mateos Cruz e Picado Pérez, 2011; Guerra *et al.*, 2014).

É natural que a capital de província exercesse grande influência nas obras públicas a erigir nas cidades do território sob sua administração. Nos três casos mencionados, e ainda que as condições topográficas e as dimensões sejam distintas, temos plantas semelhantes e idênticas cronologias atribuíveis à época de Augusto.

Mettelinum e *Olisipo* aproximam-se pela idêntica localização que aproveita a colina

para o assentamento das bancadas. Assiste-se, em ambos os edifícios, ao emprego intensivo do *opus cæmenticium*. No caso do teatro espanhol, tal utilização é especialmente evidente na *summa gradatione*, último anel das bancadas, assim como no criptopórtico que suporta o edifício na sua parte tardoz, no local mais baixo da colina e que se encontra parcialmente sob a atual igreja de Santiago, situada a sudoeste do teatro. Este, encontra-se virado para sul, o mesmo acontecendo com o teatro de Lisboa. Aqui, a edificação do *porticus post scænam* obrigou também à construção de um criptopórtico composto por muros paralelos posicionados paralelamente à fachada cénica, alicerçados na rocha e que venceram progressivamente o desnível, criando entre si patamares ou terraços, aproveitados superiormente como áreas de lazer.

Mercê das campanhas arqueológicas realizadas no atual museu do teatro romano de Lisboa, foi possível perceber que tais patamares foram sucessivamente reutilizados em edificações posteriores, conservando-se parcialmente nos alicerces dos dois edifícios do museu. Através da Arqueologia da Arquitetura confirmou-se esta sobreposição construtiva permitindo concluir que o teatro, do século I d.C. continua, até hoje a condicionar a urbanística e a arquitetura desta parte da cidade (Fernandes, 2013; Fernandes, 2017b).

Nas estruturas arqueológicas localizadas a sul do teatro foi empregue de forma intensiva o *opus cæmenticium*. Os muros que iam vencendo o desnível e criando patamares recorreram, na sua construção, àquele cimento romano, o qual possibilitava grande rapidez construtiva. O cimento era colocado entre taipais de madeira e, uma vez seco, aqueles sobrepunham-se à base anterior para criar nova camada*.

No caso do teatro emeritense embora não seja tão evidente - pois o terreno é bastante mais plano em comparação com os casos

anteriores – também a *cavea* e a via exterior que daria acesso às bancadas, foram encaixadas na encosta natural, tendo a mesma sido desbastada para o seu assentamento (Durán Cabello, 2004, pp. 32 e ss.).

Convém sublinhar que estes três teatros são muito semelhantes, como já sublinhado, ocorrendo o mesmo quanto à sua ornamentação arquitetónica. Atualmente a fachada do teatro de Mérida, erigida em tempos de Cláudio (Trillmich, 2006) ou, segundo as mais recentes conclusões, de época flávia-Trajana (Mateos Cruz e Rodriguez Gutierrez, 2018), ostenta a ordem coríntia, utilizando o mármore proveniente da região portuguesa do Alentejo. Se aceitarmos a proposta de Nicole Röring (2010) de que a primeira ordem empregue no teatro foi a jónica, depois reutilizada no *porticus post scænam*, podemos colocar em paralelo os capitéis jónicos destes três teatros da *Lusitania*. Esta ideia hoje não é clara, mantendo-se em aberto a original localização dos capitéis jónicos e toscanos que atualmente se encontram no *porticus post scænam* do teatro de Mérida.

O que se conserva do teatro de *Felicitas Iulia Olisipo*

Como tivemos oportunidade de mencionar, não é grande a área que se conserva do teatro romano de Lisboa. Este facto prende-se com dois fatores: por estar construído no que sempre foi, desde o século XII, a capital de Portugal e por tal facto, com uma intensa ocupação humana e consequente pressão urbanística. Por outro, a cidade desde sempre foi sujeita a múltiplos episódios sísmicos e às consequentes reconstruções. Estes dois motivos, entre outros, explicam o porquê de somente se encontrar conservada uma parte diminuta do monumento romano a qual é coincidente com as áreas localizadas a cotas mais baixas. As estruturas que hoje se

encontram a um nível inferior em relação à cota atual foram as primeiras a ser subterrâneas. Ao invés, a parte do monumento que se encontrava a cotas mais altas, como as bancadas superiores, foi a primeira a ser derrubada e os seus materiais reutilizados.

Em contraposição, o pouco que se conserva, especialmente em comparação com outros casos, nunca foi alvo de restauros ou reconstruções. Ao invés, como sucedeu no teatro de Mérida, desde a sua descoberta que se procedeu, em simultâneo, ao seu restauro criando na atualidade dificuldades na compreensão do monumento (Morán Sánchez, 2018).

A descoberta do teatro de Lisboa deu-se em várias ocasiões, sendo as mais importantes as referentes à sua descoberta em abril de 1798 por Manuel Caetano de Sousa e pouco depois pelo arquiteto italiano Francisco Xavier Fabri (Fabião, 2013). É da autoria deste arquiteto um belíssimo e detalhado desenho aguarelado que se conserva nas reservas do Museu de Lisboa (n.º inv. MC.DES.0012) e que nos documenta o que então se conservava. Apesar de a descoberta ter causado furor no meio intelectual, na primeira década do século XIX já novas construções se erigiam por cima do antigo monumento romano. Teria de se esperar pelo ano de 1964 para se colocar de novo a descoberto o que se havia encontrado no século XVIII.

Em 1964, Fernando de Almeida, professor da Faculdade de Letras de Lisboa realiza com os seus alunos uma sondagem arqueológica no r/c do edifício construído por cima do antigo teatro romano (1966). Essa campanha foi decisiva para a continuação dos trabalhos de descoberta que seriam realizados entre 1965 e 1971 por Irisalva Moita, Conservadora dos Museus da Câmara Municipal de Lisboa (Moita, 1970b).

O trabalho desta última investigadora foi de enorme relevância não apenas no que respeita à publicação, embora parcial, dos resultados arqueológicos, mas,

especialmente, por ter sido a impulsionadora da descoberta do monumento, devendo-se a ela ter informado o processo de aquisição, por parte da edilidade, de vários edifícios que se sobrepunham ao monumento. Foi Irisalva Moita que igualmente acompanhou a demolição de tais construções, procedendo à recuperação de elementos arquitetónicos que se encontravam reutilizados como material de construção, comprovando a intensa utilização de materiais do teatro na reconstrução citadina na sequência do terramoto de 1755.

Com a “Revolução de Abril” os trabalhos de escavação foram interrompidos assim como a política de aquisição de edifícios e apenas em 1989 se iniciam novos trabalhos de escavação que se prolongam até 1993 tendo então sido intervencionado o leito da Rua da Saudade e dois edifícios, já demolidos, localizados a norte daquela artéria. Em 2001, com a criação do então Museu do Teatro Romano, hoje com a designação de Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC, inicia-se a escavação sistemática através da realização de novas campanhas arqueológicas que tiveram lugar no espaço hoje ocupado pelo museu, situado a sul do monumento cénico, e que decorreram entre 2001 e 2011. Outras campanhas arqueológicas, de menor duração e mais localizadas, tiveram lugar no leito da Rua de São Mamede (2014), no interior do teatro (2004, 2015, 2017) e na sua envolvente (2009), concretamente na Rua de Augusto Rosa e Pátio do Aljube.

Para uma mais fácil compreensão distinguiremos as estruturas arqueológicas identificadas no interior do monumento cénico das registadas a sul, no interior do museu.

Estruturas identificadas no teatro

Hyposcænum

Parte inferior do palco revestida com um cimento romano designado por *opus*

signinum, destinado a tornar as superfícies impermeáveis. Conservam-se, igualmente, os blocos paralelepípedicos, dispostos em duas filas paralelas, onde o palco, em madeira, assentaria. Também neste pavimento se abrem concavidades quadrangulares, revestidas a *lateres* (tijolos), sendo de registar que este é o único local no teatro onde é empregue este material. Tais estruturas negativas, escavadas no subsolo, destinavam-se a receber os mastros em madeira por onde subia e descia o *auleum* (pano de cena).

Orchestra

Espaço semicircular defronte do *proscænium*. Esta área ainda possuía, na altura da descoberta, algumas das finas lajes que originalmente a revestiam. Apesar de poucas se terem conservado, os negativos que se preservam, na argamassa subjacente ao seu assentamento, permitiram perceber o padrão geométrico. O levantamento desta área assim como a primeira proposta de reconstituição da sua planimetria foi realizada entre 1985/1988 pelo Instituto Arqueológico Alemão (Hauschild, 1990). Posteriormente, o desenho foi retificado ainda que sem grandes alterações à anterior proposta de reconstituição (Fernandes, 2018, pp. 24-39).

Proedria

Esta parte envolvente da *orchestra* é fisicamente distinta daquela, uma vez que constitui a sua delimitação. No teatro de *Olisipo* traduz-se em dois largos degraus que se destinavam, tal como o espaço que delimitam, também ao assento da elite cidadina. Aqui poderiam ser colocados assentos amovíveis de acordo com o maior ou menor número de espectadores ilustres que assistiam aos espetáculos. Geralmente, entre a *proedria* e as bancadas situava-se um pequeno murete que materializava a separação entre os

espectadores, ainda que não tenha sido registado (*balteus*).

Imma cavea

Anel inferior das bancadas. Apenas se mantém o miolo desta estrutura, não se conservando os silhares afeiçoados que constituiriam os assentos, embora se preservem os degraus mais ou menos esboçados. A parte conservada das bancadas foi escavada na própria rocha e a parte superior é constituída por *opus cæmenticium*. Na parte superior deste anel de bancadas localiza-se um corredor, *præcintio*, que separaria este nível das bancadas do seguinte (a *media cavea*), atualmente não conservado.

Vomitorium

Apenas subsiste um dos *vomitória*, isto é, uma das entradas/saídas situada nas bancadas. Daria comunicação ao *præcintio* acima referido e conserva dois degraus que descem, do nível do corredor para o interior da entrada, indicando que o nível de circulação interno se situaria a uma cota mais baixa do que a do corredor de circulação. No espaço entre os dois grandes muros que definem esta entrada foi identificada, no decurso da escavação em 1989/90 e posteriormente, em 2015, alguns muros que compartimentam a área e um pavimento composto por elementos reaproveitados. O espólio cerâmico indica uma cronologia atribuível aos séculos V/VI d.C. e o contexto arqueológico evidenciado poderá corresponder a um pequeno núcleo habitacional instalado no local. Este contexto permite situar cronologicamente a desativação do teatro e a sua consequente alteração funcional (Fernandes, Calado e Grilo, no prelo).

Somente foi identificada a entrada monumental do lado nascente do teatro. Era uma das duas entradas máximas ou principais, que conduzia a elite cidadina do exterior para o interior do teatro até à *orchestra*. Em 2015 foi colocada a descoberto a parede norte deste corredor, a qual ostentava silhares com almofadado sendo que a colocação dos silhares segue a tradicional técnica face/testa. A zona do pavimento seria talhada no próprio afloramento rochoso, tendo este sido afeiçoado para o assentamento dos blocos pétreos que constituiriam o pavimento homogêneo do teatro. Nenhum se conserva tendo todos sido reaproveitados em épocas posteriores. Conserva-se parte da parede sul do *aditus* – colocada a descoberto na escavação arqueológica realizada entre 1965 e 1967 – e parte da parede norte, como referimos. Deste lado, o muro de silharia almofadada encaixa no afloramento natural, tendo a particularidade de as pedras colocadas em testa serem bastante estreitas e profundas para melhor encaixe no afloramento. Também foi identificado nesta última campanha o que pensamos ter sido o acesso desde o *aditus maximus*, até ao *præcintio* da parte superior da *imma cavea*.

Infraestrutura das bancadas

As bancadas do teatro tiveram como suporte, especialmente nos níveis superiores, um sistema composto por muros radiais e semi-concêntricos. Estas estruturas aproveitaram o afloramento para o seu assentamento e utilizam o *opus cæmenticium*. Entrecruzavam-se perpendicularmente e suportavam superiormente os degraus das bancadas possibilitando, inferiormente, a existência de corredores internos de circulação por onde o público se distribuiria ao longo do hemiciclo.

Estruturas arqueológicas localizadas atualmente no interior do museu

A intervenção arqueológica levada a cabo desde 2001, e por diversas campanhas, até 2011, teve lugar no antigo pátio da habitação do século XIX e na área subjacente ao edifício (atual receção) situados na Rua de S. Mamede n.º 3A e 3B.

Estrutura do *Post scænam*

Inicialmente identificada no interior do edifício (Rua de São Mamede n.º 3A) mas prolongando-se para nascente por quase todo o pátio (Rua de São Mamede n.º 3B), foi identificada a estrutura tardoz que suportaria a fachada cénica. Esta, de carácter exclusivamente decorativo, imitando uma fachada de tipo palaciano ricamente ornamentada, constituiria a fachada defronte para o público, mas necessitava de uma estrutura de carácter estrutural que a suportasse, especialmente num local de acentuada pendente, como é o caso. O *post scænam* conserva-se praticamente à cota atual da Rua de São Mamede uma vez que foi integralmente aproveitado como alicerce da fachada do museu (fachada norte da atual receção e do pátio, hoje transformado em espaço arqueológico). Esta estrutura prolonga-se para poente, subjacente ao edifício n.º 5 da Rua de São Mamede.

Porticus post scænam

Este pórtico existe em todos os espaços cénicos, representando o do teatro de Pompeu, construído em 55 a.C. o melhor exemplo⁵. Era um espaço porticado situado no tardoz da fachada cénica onde a população se reunia e passeava especialmente antes e depois dos espetáculos. No teatro de *Olisipo* uma vez que este foi construído numa zona de grande declive, a solução adotada foi a criação de patamares, ou terraços, que iam vencendo

o desnível até ao eixo viário inferior⁶. Trata-se de uma engenhosa solução que se adapta à topografia local, exigindo uma planificação muito distinta da observada em outros espaços similares (por exemplo, no teatro de *Augusta Emerita*). Infelizmente conservam-se poucas estruturas deste pórtico. A cerca de 5 m a sul da estrutura do *post scenam* – curiosamente, subjacente ao atual terraço do museu – foi reconhecida uma outra grande estrutura que se alicerça no afloramento rochoso, sensivelmente paralela ao *post scenam*. Nestes patamares existiriam colunatas e escadas ou rampas que permitiam um acesso direto entre eles, assim como uma ligação entre a zona sul e o teatro, situado a norte (Fernandes, 2013; Fernandes, 2020, pp. 231-240).

Estas são as estruturas romanas que se conservam no teatro romano de Lisboa. Outras, de época posterior, podem ser observadas no interior do museu. Pelo bom estado de conservação delas fazemos menção assim pelo facto de se encontrarem musealizadas e integrarem o circuito de visita do espaço museográfico.

Habitação do século XVII

Na área subjacente ao edifício do século XIX, entre os dois muros romanos, paralelos entre si e acima referidos, foi identificada uma habitação do século XVII, que aproveitou aquelas estruturas romanas para a sua implantação, tendo sido destruída pelo terramoto de 1755. O conjunto encontra-se bem conservado, de tal forma que é possível perceber, funcionalmente, áreas de ocupação e circulação (Fernandes e Almeida, 2012; Fernandes, Almeida e Loureiro, 2014). Mantém-se uma escada que se articula em dois lanços, com um patim central e pela qual se acedia ao piso habitacional para quem vinha do exterior através de uma pequena artéria que detinha a designação de *Beco do Aljube por detrás do Celeiro da Mitra*⁷. O r/c da habitação apresenta

um pavimento em seixo rolado e possuía um mezanino em madeira, com a respetiva escada de acesso no lado nascente, ambos não conservados, mas tendo-se mantido os negativos das estruturas. As paredes, com vestígios evidentes do incêndio que se seguiu ao terramoto, possuem mais de 9 m de altura. A habitação teria três a quatro pisos. Na parede sul conserva-se igualmente uma porta com as respetivas ombreiras, assim como duas pequenas janelas que permitiam a entrada de ar e luz no r/c. A musealização destas estruturas potencia o entendimento da reutilização sucessiva das várias estruturas de época romana que se mantêm ainda hoje em funcionamento ao constituírem os alicerces das estruturas do século XIX edificadas após o terramoto de 1755.

Estruturas da Idade do Ferro

Na zona do pátio/jardim, próximo da estrutura romana de contenção do teatro acima descrita, identificaram-se estruturas que se integram cronologicamente na II.^a Idade do Ferro (séculos IV-III a.C.). Dois fornos de produção cerâmica foram identificados na campanha arqueológica de 2010 (Fernandes *et al.*, 2013). Os estudos entretanto realizados sobre os materiais cerâmicos aqui encontrados permitem afirmar que muitos são de produção local devido à similitude com as argilas do local que deveria abastecer estes dois fornos (Fernandes e Coroadó, 2018).

A decoração arquitetónica do teatro de *Felicitas Iulia Olisipo*

São em reduzido número os elementos arquitetónicos que se conservam do teatro romano. O maior conjunto é composto por peças que se inscrevem no momento inaugural do teatro. Utilizam a pedra local – calcário fossilífero presente no local, com

uma superfície muito irregular – não se conservando a camada de estuque que os recobria e onde seria feita a ornamentação delicada. Este aspeto remete para uma tradição tardo-republicana (Nogales, Gonçalves e Lapuente, 2008, pp. 415-422). Os elementos arquitetónicos que incluímos neste primeiro período são capitéis, bases e fustes, assim como cornijas e elementos moldurados de vãos de porta.

Em comparação, são em bastante maior número as peças que podemos incluir neste primeiro momento do que as atribuíveis às etapas posteriores de remodelação.

Os capitéis

São 5 os capitéis que se conservam, de ordem jónica e que atribuímos à fachada cénica do monumento. Outros 7 exemplares, encontram-se substancialmente alterados na sua morfologia por ter sido desbastada toda a sua superfície. Infelizmente não os conseguimos classificar ainda que os tenhamos considerado inicialmente como coríntios, como defendido por T. Hauschild quando analisou o monumento (1990, 338–392). Atualmente pensamos que pode existir uma outra hipótese quanto à ordem arquitetónica uma vez que o perfil é semelhante ao dos capitéis toscanos, embora o total desbaste da superfície impeça uma confirmação desta interpretação (Fernandes, 1997, vol. II, pp. 167-175 e 237-241; vol. IV, pp. 198-202; 2001).

A dimensão dos capitéis jónicos indica a existência de dois módulos, os quais atribuímos ao primeiro e ao segundo piso da fachada cénica. Pela observação dos desenhos de Francisco Xavier Fabri e de Luís António de Azevedo (2017²), parecem existir dois tipos de capitéis. Um maior, com um *kyma* (espaço entre volutas) decorado por um só óvulo - sugerido no desenho de Azevedo, ainda que o levantamento de Fabri não inclua pormenores – adequando-se a um *kyma* alto

e estreito. Possui um *pulvinus* em forma de balaústre.

O outro módulo é de menores dimensões, com um *kyma* mais largo, possivelmente para conter três óvulos. Todos os exemplares possuem parte do sumoscapo sendo que no exemplar de maior dimensão essa porção é maior e apresenta esculpidas as caneluras do fuste. Nestas peças o *pulvinus* é reto.

A simplicidade morfológica, a ausência de volumes no equino e o *pulvinus* linear, assim como a inclusão do sumoscapo e o ábaco quadrado, levam a considerar estes exemplares como integrantes dos primeiros exemplares jónicos que são empregues na região mais ocidental da Lusitânia (Fernandes, 1997). Os exemplares do teatro de *Felicitas Iulia Olisipo*, cidade onde se presencia desde muito cedo uma ocupação militar, participam desta primeira elaboração do capitel jónico que o leva a integrar nas correntes decorativas mais recuadas. A matéria-prima local depois revestida a estuque constitui uma técnica que, a partir de época tardo-augustana, deixará de ser empregue.

Os melhores paralelos para os capitéis do teatro de *Olisipo* encontramos-os no teatro de *Mettelinum* (Medellín) (Guerra Millán *et al.*, 2014). O estado de conservação dos exemplares é notável, mantendo grande parte do seu revestimento a estuque. Por este facto, podemos obter uma ideia clara de como seriam os capitéis do teatro de *Felicitas Iulia Olisipo* (Fernandes e Nogales Basarrate, 2018; Nogales Basarrate e Merchán García, 2018, pp. 527-551).

É evidente nestas peças a diferença entre o suporte pétreo e a ornamentação mais cuidada e pormenorizada a qual seria realizada em estuque, onde os modelos cartonados centro-imperiais, os designados “Skizzen” ou “Musterbucher” (Gros, 1976, p. 63; Sauron, 1979, p. 204; Pensabene, 1973, p. 189) seriam utilizados, copiando assim,

fielmente, a ornamentação pormenorizada criada pelos *ateliers* orientais ou de Roma.

Parece-nos pertinente que os cartões usados em Medellín igualmente pudessem ter sido empregues em *Olisipo*. Estas peças apresentam um equino decorado por três óvulos inteiros sendo os laterais quase totalmente sobrepostos por semi-palmetas que se posicionam por cima das volutas, de enrolamento espiraliforme com roseta sexapétala no centro. Entre os óvulos, delicadas lanceatas posicionam-se entre finas molduras. Um colarinho de contas e pérolas finaliza inferiormente a ornamentação sendo evidente a diferença entre o bloco pétreo, que somente serve de suporte e a decoração feita em gesso / estuque que pode chegar a ter uma espessura superior a 8 cm.

Bases

Conservam-se atualmente cinco bases, sendo todas diferentes entre si^s (Hauschild, 1990, p. 381, Abb. 12; Fernandes, 2004-2005, pp. 83-94). Luís António de Azevedo (2017³, Est. X e legenda letra Q) identifica como áticas as quatro bases que inclui no seu desenho, ainda que, no desenho de 1798 de Francisco Xavier Fabri, surjam apenas duas. Estas peças têm em comum o tipo de material, o biocalcarenito, o mesmo empregue nos capitéis. Evidenciam igualmente aspetos de cronologia recuada, como o facto de duas bases possuírem parte do imoscapo (parte inferior do fuste) talhado no bloco pétreo da base, numa delas com uma altura substancial. Uma base não possui plinto e na única base ática com plinto a diferença de diâmetro entre os toros é muito pequena (Fernandes, 2001, Quadros 2 e 3). Estas bases, pouco evolucionadas, com ou sem plinto, apresentavam grandes paralelos, mais uma vez, com idênticas bases de Mérida e Medellín.

Fustes

Poucas vezes mencionamos os fustes de coluna, embora sejam os elementos em maior número. Conservam-se 35 fragmentos de fustes de distintos diâmetros e tipologias. O maior possui uma altura máxima conservada de 3,29 m.

Estes exemplares podem-se distribuir por três grandes grupos: os fustes canelados – 10 elementos - que ostentam profundas caneluras, bem demarcadas, um com 24 caneluras e os restantes com 16. O diâmetro^o destas peças varia entre 64 e 72 cm, sendo que a peça com 24 caneluras possui um diâmetro de 65,7 cm.

Os fustes com estrias longitudinais seriam destinados a ser estucados, tal como os restantes. Apresentam sulcos longitudinais na sua superfície, de imperfeito acabamento, destinados a facilitar a prensão de estuque. Destes conservam-se 11 elementos e os seus diâmetros variam entre 45 e 65 cm. Por fim, conservam-se 14 fustes lisos. Para além destes exemplares, conservam-se dois fustes ainda nos sedimentos da Rua de São Mamede que evidenciam uma porção considerável de estuque. Aquele exemplar canelado, com 24 caneluras apresenta uma outra particularidade. Trata-se do facto de possuir, a 1,20 m da sua base^o, uma cartela retangular (35 cm de altura e 26 cm de largura) sem caneluras, apresentando-se a superfície totalmente lisa (FIG. 6). Ainda que desconheçamos com toda a certeza a razão para tal facto, interpretamos esta área em reserva como sendo destinada a receber uma inscrição pintada. Temos como único paralelo o caso do teatro de Málaga, onde colunas e bases do piso inferior da fachada cénica possuíam uma inscrição pintada documentando a oferta de tais elementos por uma ilustre família da cidade. Trata-se de *Publius Grattius Aristocles Malacitanus* e de sua mulher *Pompeia Phiocyria*. A inscrição refere *Columnar(um) quattuor*

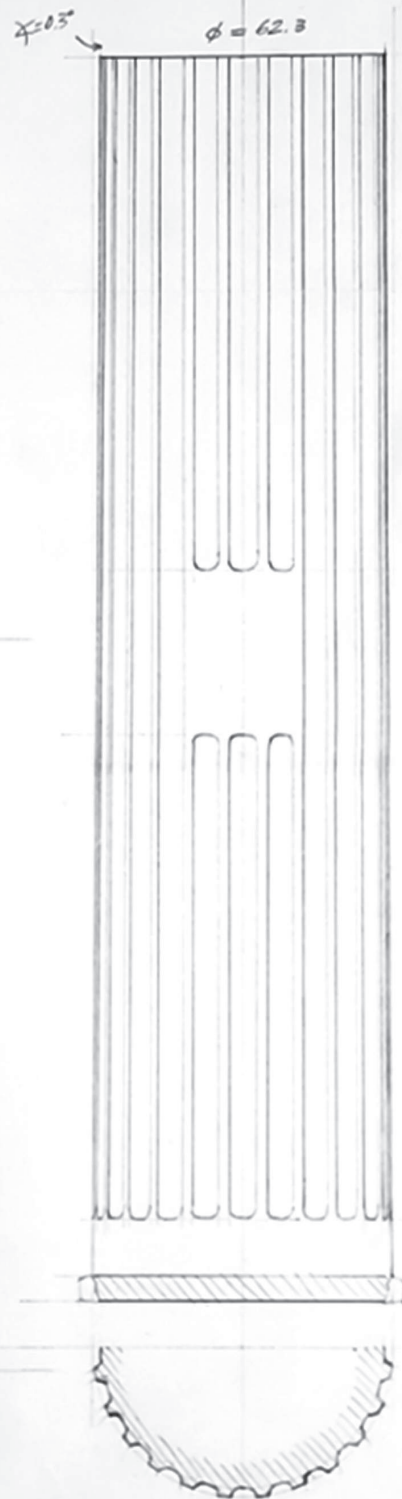
CANELADAS / 1



30



31



29

SCALE 1:10



FIG. 7

Fuste de coluna no perfil subjacente à Rua de São Mamede conservando parte do seu estuque (© José Avelar - Museu de Lisboa / EGEAC).

cum suis basibus o que significa que aqueles dois personagens ofereceram as colunas com as suas bases. Esta inscrição encontra-se datada do século II/III d.C. (Mingoia, 2004).

A confirmar-se este caso do teatro romano de Lisboa temos um dos mais antigos atos de proselitismo na cidade de *Felicitas Iulia Olisipo*. Acreditamos que esta eventual inscrição tenha sido realizada por um particular que assim pretendeu fazer figurar o seu nome numa obra que, muito possivelmente, terá sido financiada pelo próprio imperador ou pelo município. É de sublinhar, no entanto, a raridade de inscrições que associam o imperador

e privados numa mesma obra, oferecendo Cástulo o único exemplo, onde o imperador Cláudio e dois particulares, P. Cornélio Tauro e sua esposa Valéria Verecunda, contribuem para a construção de um edifício público (Melchor Gil, 1992-93, p. 132).

Outra inscrição pintada numa coluna surge em Málaga, concretamente em *Singili Barba*, numa coluna de carácter honorífico e dedicada ao imperador Licínio, em exercício nos inícios do século IV d.C. (Rodríguez de Oliva e Serrano Ramos, 1988, p. 252), pelo que não nos parece um exemplo válido.

FIG. 6

Desenho de 3 fustes de coluna do teatro romano, sendo o da direita o que possui uma área em reserva sem a marcação das caneluras (Desenho de Carlos Lemos - Museu de Lisboa / EGEAC).

Depara-se muito difícil estabelecer paralelos uma vez que apenas supomos que existiria uma inscrição pintada, mas sem que tenhamos certeza e desconhecamos o seu teor. O que não levanta dúvidas é o facto de a área em reserva ter sido feita intencionalmente e ser coeva da original realização do elemento arquitetónico. Outro aspeto a salientar é o facto de este fuste, muito possivelmente e pela sua maior dimensão, ter pertencido ao nível inferior da fachada cénica, sendo os fustes canelados, de menor dimensão, pertencido ao superior.

Não podemos deixar de mencionar dois fustes de coluna que se encontram no perfil debaixo do leito da Rua de São Mamede, correspondente ao limite sul do sítio arqueológico, assim deixado desde a escavação do local na década de 1960. Um deles em especial, com a superfície estriada, conserva uma espessa camada de estuque, com cerca de 6 cm de espessura, onde se encontram esculpidas, de forma elegante, várias caneluras com perfil biselado (FIG. 7).

Cornijas e elementos moldurados

Um conjunto de elementos arquitetónicos composto por 2 fragmentos de cornija e 7 elementos moldurados, bastante fragmentados, foram recuperados na intervenção arqueológica em 1967, provavelmente na demolição dos edifícios. Em 2011 na área subjacente à receção do museu foram recolhidos outros 27, sendo 7 interpretados como cornijas e 20 fragmentos moldurados como ombreiras de porta.

O que relaciona entre si todas estas peças é a matéria-prima em que estão talhadas, diferenciando-se claramente dos calcarenitos miocénicos em que são talhados os restantes elementos arquitetónicos do teatro e que se inscrevem na sua primeira fase edificativa. De igual forma, também não correspondem a nenhuma fácies arenítica mesozóica

conhecida na região da Grande Lisboa. A semelhança que estabelecem é com litotipos das regiões a Norte de Lisboa, os quais apenas podem ter sido trazidos por barco (Fernandes *et al.*, 2019, p. 168).

A quantidade de cornijas exumadas leva a ponderar a questão de terem sido empregues numa larga extensão do monumento romano. O revestimento a estuque que originalmente possuíam, obriga a integrar tais peças numa tradição tardo-republicana e a aproximá-las dos restantes elementos arquitetónicos anteriormente mencionados. Pelo facto de, na sua grande maioria, terem surgido a sul do teatro, em área originalmente ocupada pelos patamares que venceriam o acentuado declive da colina, ou seja, pelo *porticus post scenam* (Fernandes, 2013; 2017a; 2020, pp. 231-240), colocamos a hipótese de estas cornijas terem ornamentado as zonas de peristilo que aqui terão existido, explicando-se assim a pouca função estrutural de tais elementos uma vez que seriam corredores com cobertura e não espaços construídos de maiores proporções.

Outros elementos

Outros elementos, especialmente silhares, têm surgido nas imediações do teatro. No edifício da Rua de São Mamede n.º 9, por exemplo, aquando das obras de renovação que sofreu em 2006 e 2007, foi possível observar que as paredes do r/c assim como os pilares de descarga dos arcos que suportavam a cobertura reutilizaram vários silhares do teatro (FIG. 8). De igual modo, encontrava-se reutilizado no r/c um fuste de coluna liso que foi cedido pelo seu proprietário ao museu¹¹. Este fuste que foi remontado com vários tambores provenientes de outros fustes, pertence igualmente à primeira fase construtiva uma vez que dois elementos utilizam o biocalcarenito amarelado. No entanto, outros dois elementos empregam um calcário de cor rosa e desconhecemos a sua proveniência. O facto de não



FIG. 8

Interior do r/c da Rua de São Mamede n.º 9, onde se observam vários silhares do teatro romano reaproveitados nos pilares que suportam os arcos.
(© Lídia Fernandes - Museu de Lisboa - Teatro Romano / EGEAC).

possuirmos outros elementos que empregam este material poderá indicar-nos uma outra cronologia e um outro contexto que não o teatro, um qualquer edifício de época moderna que aqui tivesse existido.

No caso da Rua da Saudade, para além dos capeamentos pétreos do *aditus maximus* que se conservam no r/c do número 4 daquela artéria, e que analisaremos em capítulo distinto deste volume, somos a mencionar um outro elemento. Trata-se de um silhar em biocalcarenito, semelhante a todos os outros, mas com a particularidade de apresentar algumas concavidades. Este pormenor também nos pareceu normal, uma vez que existem no teatro vários silhares com os negativos do fórfex para o seu transporte. Não

fora o olhar atento de Antonio Pizzo, a quem agradecemos esta preciosa observação, não teríamos notado que as mencionadas concavidades apresentam uma forma e inclinação distintas entre si e conservam chumbo no seu interior. Estes vestígios parecem evidenciar que poderão ter-se destinado à preensão de letras de bronze, denunciando deste modo, a existência de *litteræ aurea* no teatro romano de Lisboa (FIG. 9).

A confirmar-se esta hipótese, que somente o aparecimento de novos achados permitirão corroborar, teríamos mais um paralelo com o teatro de Mérida. Não podemos deixar de mencionar o recente trabalho de Stylow e Ventura Villanueva (2018) onde apresentam a reconstituição de várias inscrições do teatro,



da época de fundação, que mencionam o seu patrono, Marcos Agripa, através dos negativos das concavidades de bronze. Tratam-se de elementos pétreos que conservam as suas cornijas e moldurações e que poderão ter sido colocadas na fachada cénica granítica da primeira fase decorativa do teatro. No entanto, e perante as atuais dificuldades na datação desta estrutura cénica, os autores colocam a hipótese de também poderem corresponder a uma “renovação da memória do patrono” através da sua reutilização e recolocação no decurso da reforma da fachada cénica (Stylow e Ventura Villanueva, 2018, p. 160).

A remodelação do teatro em meados do século I d.C.

No ano 57 d.C. assistimos, no teatro romano de *Felicitas Iulia Olisipo*, a uma remodelação ornamental. O ano preciso em que tal ocorre é transmitido pela inscrição da *frons pulpiti* onde se refere que as obras, custeadas pelo liberto *Caius Heius Primus*, haviam sido feitas em honra do imperador Nero. Quanto ao dedicante, trata-se de um sacerdote de culto imperial, um liberto da família *Heii*, gentílico itálico, pouco frequente, mas cuja presença está identificada em vários portos do Mediterrâneo (Fernandes, 2005, pp. 29-49; Fernandes e Caessa, 2006-2007).

A inscrição pode traduzir-se do seguinte modo:

“A Nero Cláudio Augusto Germânico, filho do divino Cláudio Germânico, neto do César Germânico, bisneto de Tibério César, trineto do Divino Augusto, pontífice máximo, no seu terceiro poder tribunício, imperador pela terceira vez, cônsul duas vezes e designado para a terceira. O proscénio e a orquestra com ornamentos, o augustal perpétuo, Caio Heio Primo, em dedicação”¹².

Sublinhamos também que o ano 57 d.C. constitui um marco emblemático em Roma, uma vez que é inaugurado o anfiteatro de madeira mandado construir pelo próprio imperador Nero (Trillmich, 2006).

Esta inscrição no teatro romano permite demarcar uma nova fase decorativa cidadina uma vez que é abandonada a utilização da pedra local revestida a estuque e passa a ser empregue o mármore. Com efeito, as pedras que constituem o *frons pulpiti* do proscénio utilizam o mármore cinzento de Trigaches (Alentejo) e o calcário rosa da região de Sintra. Embora este último litotipo não seja verdadeiramente mármore, inclui-se no que em época romana se designava por *marmora*. Pode-se dizer que se passou de uma “arquitetura militar”, balizada cronologicamente entre o século I a.C. e a primeira metade do século I d.C. para uma “arquitetura de mármore” (Álvarez Martínez, 1992, pp. 90 e 91)¹³.

A renovação então ocorrida foi implementada em locais específicos, criteriosamente selecionados com o intuito claro de aliar um custo mínimo a um máximo efeito visual. Não podemos esquecer que se trata de um ato de proselitismo pensado ao pormenor. Foi especialmente a parte central do teatro que foi alvo desta renovação: a *frons pulpiti*; a *orchestra* e os lintéis dos *aditi maximi*. Neste último caso, a renovação é muito contida uma vez que se resume à colocação de um fino capeamento, com 9 cm de espessura, o qual deve ter sido colocado em sobreposição ao lintel já existente (Fernandes *et al.*, 2015, p. 222). Estes dois lintéis, em calcário rosa claro, foram identificados em 1985 por Irisalva Moita (1995). Apenas um mantém a inscrição enquanto no outro a superfície da pedra foi desbastada. A inscrição “C. HEIVS PRIMVS. DEDIT” confirma o desejo de autopromoção

FIG. 9

Silhar em biocalcarenito reaproveitado num pilar do r/c da Rua da Saudade n.º 4, observando-se os negativos da colocação de *litteræ aurea*
(© Cristovão Fonseca - Museu de Lisboa - Teatro Romano / EGEAC).

desta personagem olisiponense a qual surge em destaque, na estrutura do *proscænium*.

O proscénio, com os seus c. 30 m de comprimento apresentava no centro cinco *exedræ* umas retangulares e outras semicirculares. O desenho aguarelado de Francisco Xavier Fabri representa 22 blocos epígrafados *in situ* e outros 3 em planta. A inscrição corria, numa única linha, pelos cinco nichos e terá sido pintada, a vermelho ou dourado. Seria vista por todo os espectadores e constituindo uma verdadeira paisagem epigráfica.

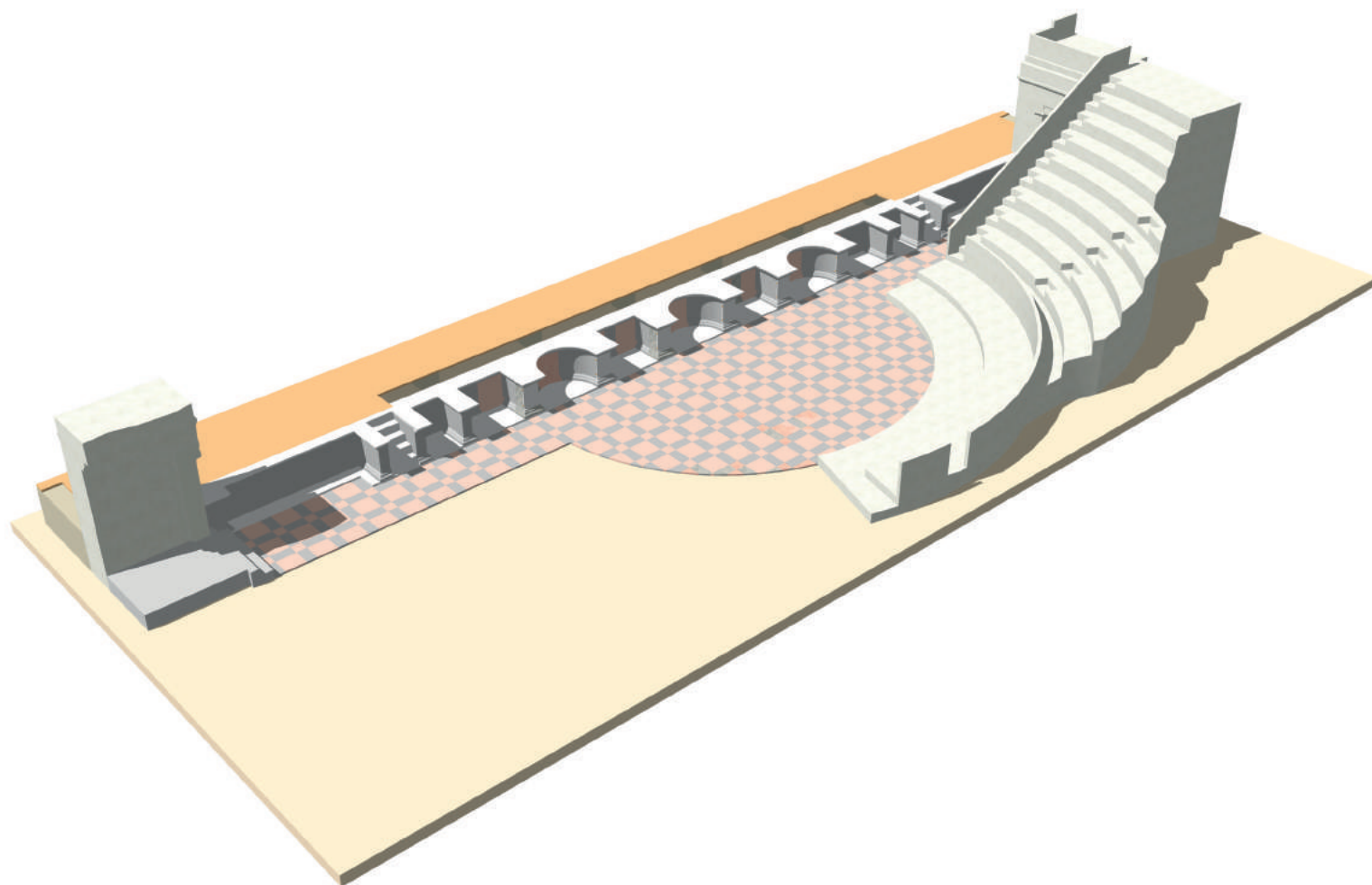
Também a *orchestra* recebeu um novo pavimento com placas rosa claro, rosa escuro e de cor cinza (FIG. 10). O motivo geométrico assim criado constitui o primeiro caso de *opus sectile* identificado na cidade de *Felicitas*

Iulia Olisipo (Pérez Olmedo, 1996, n.º 158). Outro caso de *opus sectile* é o do pavimento de um possível edifício de culto identificado em local contíguo ao teatro, no seu lado nascente (Fernandes e Grilo, 2019).

O padrão da *orchestra* estabelece semelhanças com as *orchestræ* do teatro de Mérida e Medellín. Ainda que o motivo geométrico não seja precisamente o mesmo, sublinha-se o emprego das mesmas cores, sendo que no teatro de *Olisipo* são de cor rosa as placas maiores enquanto nos dois outros casos é a cor cinza a elegida para as lajes de maior dimensão (Fernandes e Nogales Basarrate, 2018). A inscrição acima mencionada refere os *ornamenta* do proscénio o que, em nossa opinião, devem corresponder às estátuas de sileno que,

FIG. 10

Desenho de reconstituição da estrutura do *proscænium* e *orchestra* do teatro romano
(© Carlos Loureiro - Museu de Lisboa / EGEAC).



segundo a nossa interpretação, se destinavam a ser colocados na parte superior da estrutura.

As obras de remodelação envolveram pessoal especializado, assim como uma avultada quantia monetária. A este propósito Andreu Pintado sugere que terão sido aplicados entre 5 000 a 2 000 sestércios (Andreu Pintado, 2004, p. 79).

No conjunto escultórico desta nova fase decorativa do teatro integram-se duas estátuas de sileno (Gonçalves, 2007, pp. 266-268; Fernandes e Nogales Basarrate, 2018), esculpidas no mármore branco de Vila Viçosa (Alentejo). Uma encontra-se em exposição no Museu de Lisboa - Teatro Romano e outra depositada no Museu Nacional de Arqueologia¹⁴. Ambas foram encontradas em 1798 tal como se comprova pela sua representação no desenho aguarelado do arquiteto Fabri e no desenho impresso de 1815. As estátuas retratam uma figura masculina, reclinada e com a perna direita sobre a outra. Denunciam qualidade artística, sendo evidente a busca de efeitos volumétricos e contrastes de claro-escuro.

Estas duas peças teriam, provavelmente, ocupado a parte superior dos nichos retangulares do *proscænium* (Fernandes e Sales, 2005, p. 29), interpretação distinta da tradicionalmente apontada (entre outros, Alarcão, 1982, p. 290; Hauschild, 1990, p. 352). Pensamos que os silenos do teatro de *Olisipo* deveriam, no seguimento dos exemplos anteriormente referidos, situar-se na parte superior do *proscænium*, ocupando as *exedrae* retangulares. Mais uma vez, o melhor paralelo é-nos dado pelos silenos do teatro de Medellín (Nogales Basarrate e Merchán García, 2018), pelo que se pode afirmar que são “...absolutamente miméticos a los de *Metellinum* lo que certifica que estamos ante el mismo taller” (Fernandes e Nogales Basarrate, 2018). Em ambos os casos a vinculação às divindades Baco-Dionísio e ao culto do vinho é evidente integrando-se arquitetonicamente nos cortejos báquicos habituais nos espaços cénicos.

No que respeita à fachada cénica mantém-se, no entanto, a ordem jónica revestida a estuque da fase original de edificação. Vários fragmentos de capitéis jónicos, talhados num calcário homogéneo e liso de cor branca¹⁵, encontrados no decurso dos trabalhos arqueológicos da década de 1960 inscrevem-se numa cronologia de finais do século I d.C. ou do século II d.C.. Os *aditi maximi*, isto é, as entradas principais, sofrem um “embelezamento” o qual, no entanto, não é estrutural, antes meramente decorativo e, especialmente, de intuito propagandístico.

Para além destas evidências do que foi a renovação decorativa do teatro romano de *Felicitas Iulia Olisipo* em meados do século I d.C., poucos mais elementos sobreviveram. Este facto explica-se pela reutilização do calcário e do mármore para a obtenção de cal, o que ocorreu em épocas posteriores, especialmente após o terramoto de 1755.

Dois pequenos fragmentos de vestes, evidenciado um drapeado naturalista (FIG. 11), documentam a existência de esculturas femininas, de deusas ou da família imperial (Fernandes e Nogales Basarrate, 2018). Um fragmento de cabeça de estátua, de mármore, foi encontrado em 1964 e identificado como pertencendo a uma estátua feminina uma vez que a zona posterior, menos trabalhada, possui uma amálgama de cabelos, interpretada como sendo um “coque” (Almeida, 1966), embora deva ser interpretada como uma cabeça de Apolo ou Dionísio, com uma *tænia* de um dos lados e caracóis pequenos do outro (FIG. 11). O facto de existirem dois fragmentos de musas poderá sublinhar a ideia de formarem parte de um ciclo iconográfico de Apolo (Fernandes e Nogales Basarrate, 2018, p. 435).

Um outro baixo-relevo foi encontrado na década de 1960 e está identificado como representando a deusa Melpomene (Moita 1970b; Gonçalves, 2007, pp. 244-245), a deusa da tragédia uma vez que se conserva parte do seu nome em grego, grafado em latim



FIG. 11
 Elementos escultóricos do teatro romano de Lisboa, para além das duas estátuas de sileno
 que ornamentariam o proscénio (© Lídia Fernandes - Museu de Lisboa -Teatro Romano / EGEAC
 e José Avelar - Museu de Lisboa / EGEAC).

(FIG. 11). Esta placa localizava-se, a par de outras entretanto desaparecidas, eventualmente nos topos frontais das *exedrae* do *proscænium*, ainda que o seu encaixe não seja perfeito (Fernandes e Caessa, 2006-2007). Um outro fragmento de musa foi encontrado na campanha arqueológica de 2015 realizada no museu. Também de mármore conserva o torso superior de uma figura feminina (FIG. 11). Na campanha arqueológica de 2011, realizada no interior do teatro, no acerto do corte subjacente à Rua de São Mamede, apareceu um fragmento de mão de uma estátua de maior dimensão que o natural. Desconhecemos, no entanto, a que tipo de estátua terá pertencido (FIG. 11).

Por fim, uma estátua de efígie (Fernandes e Nogales Basarrate, 2018, p. 437) que poderá

ter sido colocada em ambos os lados da *proedria* do teatro, à semelhança do que ocorre em outros, como é o caso, mais uma vez, do teatro de Medellín. Dado o seu deficiente estado de conservação, somente a comparação com aquele espécime possibilitou a sua identificação. Trata-se de um fragmento que conserva os quartos traseiros de um animal, repousando numa superfície plana (FIG. 11).

Apesar de restar pouco mais de um terço da totalidade do teatro e de somente ter chegado até nós um diminuto número de evidências da rica decoração que ornou o teatro de *Felicitas Iulia Olisipo*, é possível afirmar que este terá sido um monumento imponente e grandioso que fez justiça ao novo estatuto latino da cidade nos alvares do império romano.

Notas

¹ Octávio chamava-se originalmente Caio Octaviano Júlio Turino (*Gaius Octavianus Iulius Thurinus*), filho de Caio Octávio Turino, proveniente de ricas famílias romanas, mas sem grande influência política. Em 29 a.C. Octaviano recebe o título de Imperador (*Imperator*), ou seja, de comandante dos exércitos e dois anos depois o nome de Augusto, que significava “venerável” e “sacro”. A partir de Augusto, os restantes imperadores adotam os mesmos títulos. “César”, por sua vez, significa “o que está à cabeça do comando”.

Após Octávio ser declarado Augusto, este passa a ser conhecido pelo seu antigo nome e por Augusto, enquanto *prænomen*. Augusto recusa o título de *dictator* mas assume o de *Princeps*, que significa “o primeiro cidadão” e, adota, também, o de *Pater Patriæ*, ou seja, “pai da pátria”.

² Tradução de Maciel, 2006, p. 180.

³ Tradução de Maciel, 2006, p. 180.

⁴ Cf. no presente volume as técnicas construtivas no capítulo correspondente.

⁵ Somente se conhece a planta do teatro de Pompeu através da *Forma Urbis Romæ*, de época severiana.

⁶ O qual se situaria sensivelmente onde hoje é a Rua de Augusto Rosa / Travessa das Merceeiras.

⁷ Esta denominação encontra-se no Tombo de 1755, consultado que foi o exemplar que se encontra no Museu de Lisboa com o título: “Cópia do Tombo da Cidade de Lisboa em 1755, que está no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, feita sobre uma cópia do mesmo tomo, da letra de José Valentim de Freitas; que está na Associação dos Arqueólogos por João Marques da Silva, em Junho de 1894”.

⁸ Três bases encontram-se em exposição no museu e duas estão depositadas nas reservas. Estas últimas encontram-se em deficiente estado de conservação, mas são bases áticas sem plinto que conservam uma breve porção do imoscapo.

⁹ Indicamos o diâmetro maior que corresponde sempre à parte inferior do fuste.

¹⁰ O limite inferior deste exemplar encontra-se bem conservado, apresentando um colarinho liso mais saliente a delimitar a superfície de assentamento à base. Esta moldura tem uma altura de 5 cm. Por cima, situa-se uma faixa lisa com uma altura de 13 cm antes de se iniciarem as caneluras.

¹¹ Gostaríamos de agradecer a D. António de Herédia, proprietário do imóvel, entretanto falecido, a entrega destas peças. O mesmo custeou o seu transporte e o restauro e consolidação dos elementos arquitetónicos.

¹² NERONI CLAVDIO DIVI · CLAVDI · F · GER CÆSARIS NEP / [TIB] CÆSARIS PRON DIVI AVG ABN · AVG GERMANICO / PONT MAX TRIB POT III IMP III COS II DESIGNATO III / PROSCÆNIVM ET · ORCHESTRAM CVM ORNAMENTIS / AVGVSTALIS PERPETVVS C HEIVS PRIMVS [DEDIT]

¹³ Mais recentemente o mesmo autor optou por distinta designação substituindo a de “arquitetura militar” para “arquitetura em pedra”, termo igualmente adotado pela escola alemã.

¹⁴ O sileno em exposição no Museu de Lisboa – Teatro Romano tem um comprimento conservado de 1,23 m, ainda que se encontre partida na zona dos pés. O exemplar do Museu Nacional de Arqueologia (existe uma réplica no Museu de Lisboa – Teatro Romano) tem 1,05 m de comprimento e está partido no mesmo local.

¹⁵ Em número de dezasseis, ou quinze, pois dois colam entre si.

Referências

- ____ (1892) - *Catalogo do Museu de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa.
- AAVV (1994) - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa.
- AAVV (1995) - *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios*. Catálogo da Exposição. Lisboa: Fundação Millenium BCP.
- Abascal Palazón, J. M.; Cebrián Fernández, R.; Trunk M. (2004) - Epigrafia, arquitectura y decoración arquitectónica del foro de Segobriga. In Ramallo Asensio, S., coord. - *La decoración arquitectónica en las ciudades romanas de Occidente. Actas del Congreso Internacional celebrado en Cartagena entre los días 8 y 10 de octubre de 2003*. Murcia: Universidad de Murcia, pp. 219-256.
- Acuña Castroviejo, F. (1974) - Mosaicos romanos de Hispania Citerior. III – Conventus Bracarenensis. Separata de *Studia Archaeologica*. Santiago de Compostela-Valladolid. 31.
- Adam, J. P. (1989) - *La construction romaine*. Paris: Ed. Picard.
- Adam, J. P. (1994) - *L'arte di costruire presso i romani. Materiali e tecniche*. Longanesi & C. Milano.
- Aguarod Otal, C. (1991) - *Cerámica romana importada de cocina en la Tarraconense*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”.
- Alarcão, J. (1982) - O Teatro romano de Lisboa. In *Actas del Simpósio «El Teatro en la Hispania Romana»*. Badajoz: Institución Cultural Pedro de Valência, pp. 287-301.
- Alarcão, J. (1985) - *Introdução ao estudo da casa romana* (Cadernos de Arqueologia e Arte 4) Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Alarcão, J. (1994) – Lisboa romana e visigótica. In Arruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, pp. 58-63.
- Alba, M. (2002) - Datos para la reconstrucción diacrónica del paisaje urbano de Emerita: las calles porticadas desde la etapa romana a la visigoda. *Memoria, Excavaciones Arqueológicas en Mérida*. Mérida: Consorcio Monumental de Mérida. 6, pp. 371-396.
- Alexander, M.; Khader, A.; Besrour, S.; Ben Mansour; Soren, D. (1980) - *Corpus des Mosaïques de Tunisie* Tunis: Institut National d'Archéologie et d'Art. II: 1.
- Alexander, M.; Khader, A.; Soren, D.; Spiro, M. (1994) - *Corpus des Mosaïques de Tunisie*. Tunis: Institut National du Patrimoine. II: 1.
- Almeida, F. (1966) - Notícias sobre o teatro de Nero, em Lisboa. In *Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia (Porto, 4 a 6 de Junho de 1965)*. Lvcerna. Porto. 5, pp. 561-571.
- Almeida, F. (1967) - *História da Igreja em Portugal*. 2.^aed.. Porto: Portucalense Editora. 1.
- Almeida, F. (1972) - Parecer hidrogeológico sobre uma sondagem executada no Largo do Chafariz de Dentro para o Metropolitano de Lisboa. *Revista da Faculdade de Ciências*. Lisboa. 2.^a série. C - Ciências Naturais. XVII: 1, pp. 187-196.
- Álvarez Martínez, J. M. (1990) - *Mosaicos Romanos de Mérida: Nuevos Hallazgos* (Monografías Emeritenses 4). Mérida: Ministerio de Cultura.
- Álvarez Martínez, J. M. (1992) - El templo de Diana. Templos Romanos de Hispânia. *Cuadernos de Arquitectura Romana*. Murcia: Universidade de Murcia. 1, pp. 83-93.
- Alves, I. (2010) - *A Terra Sigillata Hispânica da Praça da Figueira*. Dissertação de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa.
- Amaro, C. (1982a) - Casa dos Bicos - Notícia Histórico-Arqueológica. *Revista Arqueologia*. 6, pp. 96-111.
- Amaro, C. (1982b) - Casa dos Bicos - seu historial. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 0, pp. 15-16.
- Amaro, C. (1983) - XX séculos de Arqueologia e História. In *XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura (Casa dos Bicos)*. Lisboa.
- Amaro, C. (1994) - A Indústria Conserveira na Lisboa Romana. In Arruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, pp. 76-79.
- Amaro, C. (1995) - Urbanismo tardo-romano no Claustro da Sé de Lisboa. *IV Reunio De Arqueologia Cristiana Hispanica* (28 Setembro a 2 Outubro, 1992 Lisboa). Barcelona: Universitat de Barcelona, pp. 337-342.
- Amaro, C.; Caetano, M. T. (1994) - Breve Nota sobre o Complexo Fabril Romano da Rua Augusta (Lisboa). *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 32/33, pp. 283-294.
- Amaro, C.; Gonçalves, C. (2016) – The Roman Figlina at Garrocheira (Benavente, Portugal) in the Early Empire. In Pinto, I. V.; Almeida, R.; Martin, A., eds. - *Lusitanian Amphoræ: Production and distribution*. Roman and Late Antique Mediterranean Pottery. 10, pp. 47-58.
- Amaro, C.; Manso, C.; Sepúlveda, E. (2013) - Complexo industrial romano de preparados de peixe da Baixa. Sua abordagem a partir de dois novos equipamentos. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. - *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 755-763.
- Amaro, C.; Sepúlveda, E. (2017) - A Presença da ocupação romana no Aljube de Lisboa. In *I.º Encontro de Arqueologia de Lisboa* (Teatro Aberto, 25-28 novembro, 2015). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 272-284.

- Andreu Pintado, F. J. (2004) - *Munificencia pública en la Provincia Lusitania (siglos I-IV d. C.)*. Zaragoza: Institución «Fernando el Católico» (C.S.I.C.).
- Angiolillo, S. (1981) - *Mosaici Antichi in Italia. Sardinia*. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche.
- Antunes, M. T.; Cunha, A. S. (1991) - *Santos Mártires de Lisboa. Espólio osteológico de Santos-o-Novo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Arce, J. (2002) - *Mérida tardorromana (300-580)*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- AZEVEDO, L. A. (2017) - *Dissertação Crítico-Filológico-Histórica sobre o verdadeiro anno, manifestas causas, e attendíveis circumstancias da erecção do Tablado e Orquestra do antigo Theatro Romano, descoberto na excavação da Rua de São Mamede perto do Castelo desta Cidade, com a intelligencia da sua Inscricção em honra de Nero, e noticia instructiva d'outras Memorias alli mesmo achadas, e até agora aparecidas. Lisboa, fevereiro de 1807*. Prefácio de Lúcia Fernandes em edição fac-similada a partir do original de 1815. Lisboa: Museu de Lisboa - Teatro Romano / Apenas Livros, pp.i-xi.
- Barbosa, I. V. (1864) - Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inérito). Arrabalde de Lisboa. Chelas, Charneca e Camarate. *Archivo Pittresco*. Lisboa. 7, pp. 374-376 e 379-382.
- Barceló, C. (2013) - Lisboa y Almanzor (374H. / 985 d.C.). *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 52, pp. 165-194.
- Barrera Antón, J. L. (2000) - La decoración arquitectónica de los Foros de Augusta Emerita. *Biblioteca Archaeologica*. 25. Roma.
- Barrera Antón, J. L. (2014) - Mérida Augustea. *Augusto y Emerita*. Museu Nacional de Arte Romano. Bimilenario Augusto, pp. 47-62.
- Barrera Antón, J. L. (2018) - Estudios sobre la *Scenae Frons* del teatro Romano de Mérida. In Mateos Cruz, P., ed. - *La Scenae Frons del Teatro Romano de Mérida. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. LXXXVI, pp. 125-153.
- Barroca, M. J. (2000) - *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)*. 4 vols. Lisboa: F.C.G e F.C.T.
- Batalha, L.; Pinheiro, H.; Santos, R. (no prelo) - O Peristilo de uma casa romana no n.º 16 da Rua dos Bacalhoeiros. *X Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular* (Zafra, 9-11 novembro 2018).
- Becatti, G. (1961) - *Scavi di Ostia. Mosaici e Pavimenti Marmorei*. Vol. IV (2 tomos). Roma: Istituto Poligrafico dello Stato, Libreria dello Stato.
- Beltrán Fortes, J. (1990) - Mausoleos romanos en forma de altar del sur de la Península Ibérica. *Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. 63, pp. 183-226.
- Beltrán Fortes, J. (2004) - *Monumenta Sepulcrales* en forma de altar con *pulvinus* de los territorios hispanorromanos: revisión de materiales y estado de la cuestión. *Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. 77, pp. 101-141.
- Bem, T. C. (1755) - *Carta do Padre D. Thomaz Caietano de Bem, Clerigo Regular, a hum seu amigo Ácerca de huns monumentos romanos descobertos no sitio das Pedras Negras*. Apêndice à obra de Oliveira, C. R.: *Summario, em que brevemente se contem algumas cousas assim Ecclesiasticas, como Seculares, que há na Cidade de Lisboa*. Lisboa: na Oficina de Manuel Rodrigues, pp. 153-177.
- Blake, M. E. (1930) - *The Pavements of the Roman Buildings of the Republic and Early Empire*. In *Memoirs of the American Academy in Rome*. Bergamo: American Academy in Rome, Istituto Italiano d'Arti Grafiche. VIII.
- Blanco Freijeiro, A. (1978a) - *Corpus de Mosaicos Romanos de España*. Madrid: Instituto Español de Arqueología "Rodrigo Caro". I.
- Blanco Freijeiro, A. (1978b) - *Corpus de Mosaicos Romanos de España*, Madrid: Instituto Español de Arqueología "Rodrigo Caro". II.
- Blázquez Martínez, J. M. (1981) - *Corpus de Mosaicos de España*. Madrid: Instituto Español de Arqueología "Rodrigo Caro". III.
- Blázquez Martínez, J. M. (1982) - *Corpus de Mosaicos de España*. Madrid: Instituto Español de Arqueología "Rodrigo Caro". IV.
- Blázquez Martínez, J. M.; López Monteagudo, G.; Neira Jimenez, M. L.; San Nicolas Pedraz, M. P. (1989) - *Corpus de Mosaicos de España*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. VIII.
- Blázquez Martínez, J. M.; Mezquiriz, M. A. (com a colaboração de Neira, M. L e Nieto, M.) (1985) - *Corpus de Mosaicos de España*. Madrid: Instituto Español de Arqueología del Consejo Superior de Investigaciones Científicas. VII.
- Bonifay, M. (2004) - Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique. Oxford: BAR International Series. 1301.
- Bonneville, J.-N. (1980) - Le monument épigraphique et ses moulurations. *Faventia*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona. 2: 2, pp. 75-98.
- Braga, P.; Gimbra, A. (2017) - *Relatório dos Trabalhos de Conservação e Restauro. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios. Conservação e Restauro do Mosaico, Termas Romanas e Forno de Época Contemporânea*. Lisboa: ERA, Arqueologia, S.A. Documento policopiado.
- Branco, F. C. (1961) - Problemas da Lisboa Romana. Vestígios de um cais ou de uma necrópole? *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 91, pp. 61-75.
- Brazuna, S. (2005) - *Relatório de Trabalhos Arqueológicos - Minimização de Impactes, Lisboa, Rua da Saudade, n.º 2 (Lisboa)*. Lisboa: Era-Arqueologia S.A.
- Bugalhão, J. (2001) - *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios* (Trabalhos de Arqueologia 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Bugalhão, J. (2003) - Mandarim Chinês, Lisboa - Contextos romanos. In *Actas do Quarto Encontro de Arqueologia Urbana*. Amadora: Museu Municipal de Arqueologia da Amadora, pp. 227-146.
- Bugalhão, J. (2009) - *Núcleo arqueológico da Rua dos Correios*. Lisboa: Ed. Fundação Millennium BCP.

- Bugalhão, J. (2017) - O eixo viário ocidental de *Olisipo*. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 120-123.
- Bugalhão, J.; Arruda, A.; Sousa, E.; Duarte, C. (2013) - Uma necrópole na praia: O cemitério romano do núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 16, pp. 243-275.
- Bugalhão, J.; Nunes, A.; Gomes, A. S.; Grilo, C.; Fernandes, L.; Fernandes, I.; Cachão, M.; Costa, A. M.; Freitas, M. C.; Gabriel, S.; Currás, A. (no prelo) - Mosaico romano do NARC, Lisboa: estrutura construtiva, materiais e estratigrafia. In *II Encontro de Arqueologia de Lisboa, Teatro Aberto, 22 - 24 de Março de 2018*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa / Câmara Municipal de Lisboa.
- Bustamante Álvarez, M. (2011a) - *La cerámica romana en Augusta Emerita en la época Altoimperial: entre el consumo y la exportación*. Mérida: Asamblea de Extremadura.
- Bustamante Álvarez, M. (2011b) - Nuevas consideraciones cronológicas en torno a la producción de paredes finas emeritenses. *Zephyrus*. Salamanca: Universidade de Salamanca. LXVII, pp. 161-170.
- Cabaço, N.; Sarrazola, A.; Silva, R. B.; Carvalho, L. M. (2017) - O espaço de necrópole romana das Portas de Santo Antão, Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A., eds. - *Arqueologia em Portugal / 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1243-1254.
- Caessa, A.; Nozes, C.; Mota, N. (2016) - Novas descobertas no criptopórtico romano de Lisboa - Rua da Conceição, 75-77 (Santa Maria Maior) - 1.ª Fase. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 20, pp. 220-221.
- Caetano, M. T. (no prelo) - *Mosaico de Afrodite - Eurostars Museum Hotel Lisboa (Antigos Armazéns Sommer)*.
- Caetano, M. T. (1997) - *Musivária Olisiponense. Estudo dos Mosaicos Romanos de Olisipo e da "Zona W" do Ager*. Dissertação Final de Mestrado em História da Arte. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Caetano, M. T. (2001) - Mosaicos Romanos de Lisboa - A Baixa Pombalina. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 40, pp. 65-82.
- Caetano, M. T. (2006) - Mosaicos de *Felicitas Iulia Olisipo* e do seu Ager. *Revista de História da Arte*. Lisboa: Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 2, pp. 23-35.
- Caetano, M. T. (2007) - O Último porto de Ulisses: história, urbanismo e arte de *Felicitas Iulia Olisipo*. *Revista de História da Arte*. Lisboa: Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 2, pp. 55-117.
- Caetano, M. T. (2011) - Mosaicos da Finisterra Ocidental - a *Villa* de Santo André de Almoçageme. In *X Colóquio Internacional para o Estudo do Mosaico Antigo (AIE-MA)*. Conímbriga: Instituto de Museus e da Conservação/Museu Monográfico de Conímbriga, pp. 873-887.
- Caetano, M. T. (2014) - A "proto-indústria" do mosaico romano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 17, pp. 207-219.
- Caetano, M. T. (2017) - "Pontilhismo e descontinuidade": os mosaicos pavimentais romanos de *Felicitas Iulia Olisipo*. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 112-115.
- Calvino, I. (1996) - *As Cidades Invisíveis*. 2.ª Edição. Editorial Teorema.
- Cardoso, G. (2013) - Cerâmicas de imitação de *sigillata* tardia das *villae* de Freiria e de Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo. *Ex Officina Hispana. Cuadernos de la Secah*. I, pp. 191-204.
- Carlos Márquez (1993) - *Capiteles Romanos de Corduba Colonia Patricia*. Córdoba.
- Carlos Márquez (1998) - *La decoración Architectónica de Colonia Patricia - una aproximación a la arquitectura y urbanismo de la Córdoba Romana*. Córdoba: Obra Social y Cultural Cajasur.
- Carneiro, A.; Sepúlveda, E. (2004) - *Terra sigillata* hispânica tardia do concelho de Fronteira: exemplares recolhidos entre 1999 e 2003. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 7: 1, pp. 435-458.
- Carvalhinhos, M.; Mota, N.; Miranda, P. (2017) - Indagações arqueológicas na muralha antiga de Lisboa: o lanço oriental entre a Alcáçova do Castelo e o Miradouro de Santa Luzia (Santa Maria Maior, Lisboa). In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R., coord. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 298-336.
- Carvalho, A.; Freire, J. (2011) - Cascais y la Ruta del Atlántico. El establecimiento de un puerto de abrigo en la costa de Cascais. Una primera propuesta. In Nogales Basarrate, T.; Rodà, I., eds. - *Roma y las provincias: modelo y difusión Hispania Antigua* (Serie Arqueológica 3). Roma: L'Erma di Bretschneider. II, pp. 727-735.
- Castilho, J. (1937) - *Lisboa Antiga. Bairros Orientais*. 2.ª edição. Lisboa: Câmara Municipal. X, pp. 25-26.
- Castilho, J. (1939) - *Lisboa Antiga. Bairros Orientais*. Lisboa: Câmara Municipal. I.
- Choisy, A. (1909) - *Traduction commentée et illustrée de dix livres*. Paris: Lahure.
- Coelho, A. B. (2008) - *Portugal na Espanha Árabe*. 3.ª Edição, revista. Lisboa: Editorial Caminho.
- Coelho, C. (2002) - Estudo preliminar da pedreira romana e outros vestígios identificados no sítio arqueológico de Colaride. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5: 2, pp. 277-323.
- Correia, V. H.; Man, A.; Reis, M. P. (2011) - A propósito de uma obra recente sobre o período tardo-antigo e medieval em Conímbriga. *Conimbriga*. Coimbra: Centro de Arqueologia da Universidade de Coimbra. 50, pp. 127-146.

- Costa, F. B.; Carvalho, P. S., eds. (2017) - *31 Cordon Lisboa. Um edifício com história*. Lisboa: Eon - Indústrias Criativas.
- Cruz Villalón, M. (1985) - *Mérida visigoda. La escultura arquitectónica y litúrgica*. Badajoz.
- Cunha, R. (1642) - *Historia ecclesiastica da Igreja de Lisboa*. Lisboa: Manoel da Sylva.
- Dias, M. I.; Trindade, J.; Fabião, C.; Sabrosa, A.; Bugalhão, J.; Raposo, J.; Guerra, A.; Duarte, A.; Prudêncio, M. I. (2012) - Arqueometria e o estudo das ânforas lusitanas: o caso do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, (Lisboa) e de centros produtores do Tejo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 19, pp. 57-70.
- Dias, M. M. A.; Gaspar, C. (2006) - *Catálogo das inscrições paleocristãs do território português*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Diogo, A. M. D.; Sepúlveda, E. (2000) - As lucernas das escavações de 1989/1993 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3: 1, pp. 153-161.
- Diogo, A. M. D. (1987) - Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Série 4. 5, pp. 179-191.
- Diogo, A. M. D. (1993) - O teatro romano de Lisboa. Notícia sobre as actuais escavações. *Teatros Romanos de Hispânia. Cuadernos de Arquitectura Romana*. Múrcia: Universidade de Múrcia. 2, pp. 217-224.
- Diogo, A. M. D. (1994a) - A Península de Lisboa entre o Norte atlântico e o Oriente mediterrânico - Fragmento de sepultura paleocristã. In Arruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, p. 232.
- Diogo, A. M. D. (1994b) - Fragmento de sepultura paleocristã (entrada de catálogo). In Arruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, pp. 231-232.
- Diogo, A. M. D. (2000) - As ânforas das escavações de 1989/93 do Teatro Romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3: 1, pp. 163-179.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (1999) - 275 - Homenagem a L. Cornelius Bocchus encontrada nas Termas dos Cássios, Lisboa. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 60.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (2000) - Vestígios de uma unidade de transformação do pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3: 1, pp. 181-205.
- Duarte, A.; Santos, V. (2003) - A Barreira do Circo de Olisipo. *Actas do 4.º Encontro de Arqueologia Urbana*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora, pp. 177-186.
- Duby, G. (1980) - *Histoire de la France urbaine*. Paris: Ed. Seuil.
- Duliere, C. (1974) - *Corpus des Mosaiques de Tunisie*. Tunis: Institut National d'Archéologie et d'Art: I. 2..
- Durán Cabello, R.-M. (2004) - *El Teatro y Anfiteatro de Augusta Emerita - Contribución al conocimiento histórico de la capital de Lusitania*. Oxford: BAR International Series. 1207.
- Encarnação, J. (1973) - *Jornal da Costa do Sol*. Ano X, n.º 489, 1 de setembro.
- Encarnação, J. (2009) - As termas dos Cássios em Lisboa: ficção ou realidade. *Lusitânia Romana entre o Mito e a Realidade. Actas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana*. Cascais, pp. 481-493.
- Encarnação, J. (2011) - Da onomástica grega na Lusitânia romana. In Tacla, A. B., org. - *Uma trajetória na Grécia antiga. Homenagem a Neyde Theml*. Rio de Janeiro, pp. 301-312.
- Endovélico, Sistema de Informação e Gestão Arqueológica [em linha]. [Consult. Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios>).
- Fabião, C. (1994) - O monumento romano da Rua da Prata. In Arruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, pp. 67-69.
- Fabião, C. (2004) - Centros oleiros da Lusitânia: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In Bernal Casasola, D.; Lagóstena Barrios, L., eds. - *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. - VII d.C.): actas del Congreso Internacional, Cádiz, 12-14 de noviembre de 2003*. Oxford: BAR International Series. 1266, pp. 379-410.
- Fabião, C. (2009) - O Ocidente da Península Ibérica no século VI: sobre o *pentanummius* de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: Era, Arqueologia. 4, pp. 25-50.
- Fabião, C. (2010) - Modelos forenses nas cidades da Lusitânia: Balanço e perspectiva. In Nogales Basarrate, T., ed. - *Cuidad y Foro en Lusitanea Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, pp. 343-359.
- Fabião, C. (2013) - Escavando entre papéis: sobre a descoberta, primeiros desaterros e destino das ruínas do teatro romano de Lisboa. In Pimentel, M. C.; Alberto, P. F., eds. - *Vir bonus peritissimus aequae. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa, pp. 389-409.
- Faria, A. (2001) - *Pax Iulia, Felicitas Iulia, Liberalitas Iulia*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 4: 2, pp. 351-362.
- Fauquet, F. (2016) - Le cirque romain. Essai de theorization de sa forme et ses fonctions. Dissertação de Doutoramento. Disponível em WWW: (URL: <https://hal.archives-ouvertes.fr/tel-01264141/document>).
- Fernandes, L. (no prelo) - *El post scaenium* del teatro romano de Felicitas Iulia Olisipo / Lisboa. In *Actas del Symposium Internacional La porticus post scaenam en la arquitectura teatral romana (Cartagena, 19 y 20 de octubre de 2018)*.
- Fernandes, L. (1996) - Sobre um Capitel de ara do Palácio Fronteira. In *Miscellanea de Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*. Lisboa: Colibri, pp. 170-188.

- Fernandes, L. (1997) - *Capitéis Romanos da Lusitânia Ocidental*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História de Arte / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Documento policopiado.
- Fernandes, L. (1998) - Elementos arquitectónicos de época romana do concelho de Loures. *Da Vida e da Morte: os Romanos em Loures*. Loures: Museu Municipal. pp. 93-105.
- Fernandes, L. (1999) - Elementos arquitectónicos de época romana da Casa dos Bicos - Lisboa. *Conímbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 38, pp. 113-135.
- Fernandes, L. (2001) - Capitéis do Teatro Romano de Lisboa. *Anais - Revista del Museo Nacional de Arte Romano*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano. 14, pp. 29-51.
- Fernandes, L. (2002) - Sobre dois capitéis de Lisboa. *Conímbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 41, pp. 237-256.
- Fernandes, L. (2004) - Decoração arquitectónica da villa romana de Frielas. In *Arqueologia como documento*. Loures: Museu Municipal, pp. 21-36.
- Fernandes, L. (2004-2005) - As bases de coluna nos desenhos dos séculos XVIII e XIX do Teatro romano de Lisboa. *Revista Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 56-57, pp. 83-94.
- Fernandes, L. (2005) - *Relatório Final da Intervenção Arqueológica da Desmontagem de Muro Sobreposto às bancadas do Teatro Romano*. Intervenção de 2004. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Divisão de Museus e palácios - Museu da Cidade. Relatório entregue ao Instituto Português de Arqueologia. Documento policopiado.
- Fernandes, L. (2006) - O Teatro de Lisboa - intervenção arqueológica de 2001. In *III Jornadas Cordobesas de Arqueologia Andaluza - Los Teatros Romanos de Hispânia* (Córdoba, 12-15 novembro 2002). Córdoba, pp. 181-204.
- Fernandes, L. (2007a) - A decoração de época romana do *municipium Olisiponense*: a propósito de alguns elementos arquitectónicos da Praça da Figueira (Lisboa). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série 4. 25, pp. 291-336.
- Fernandes, L. (2007b) - Teatro romano de Lisboa - os caminhos da descoberta e os percursos da investigação arqueológica. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 15, pp. 27-39.
- Fernandes, L. (2009) - Capitel das *Thermæ Cassiorum* de *Olisipo* (Rua das Pedras Negras, Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. 12: 2, pp. 191-207.
- Fernandes, L. (2011) - A decoração arquitectónica de *Felicitas Iulia Olisipo*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. 14, pp. 263-311.
- Fernandes, L. (2012) - A decoração arquitectónica de época romana: aspectos de centralidade / descentralidade na região ocidental da província da Lusitânia. *Cira Arqueologia Online. Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga* (Vila Franca de Xira, 31 de Outubro 2008). Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. I, pp. 131-148.
- Fernandes, L. (2013) - Teatro Romano de *Olisipo*: a marca do novo poder romano. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. - *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 765-773.
- Fernandes, L. (2014a) - The production of architectural elements in the city of *Felicitas Iulia Olisipo* (Lisbon): the capitals. In Álvarez Martínez, J. M.; Nogales Besarate, T.; Rodà de Llanza, I., eds. - *XVIII CIAC: Centro y periferia en el mundo clásico/ Centre and periphery in the ancient world*. Mérida, pp. 1435-1437.
- Fernandes, L. (2014b) - Capitéis de São Miguel de Odrinhas: sobre a decoração arquitectónica em época romana. *Tritão - Revista de História, Arte e Património* [em linha]. Sintra: Câmara Municipal de Sintra. 2, pp. 1-33. Disponível em WWW: (URL:revistatritao.cm-sintra.pt).
- Fernandes, L. (2016) - *Viagem ao Passado Romano da Lusitânia*. Lisboa: Esfera dos livros.
- Fernandes, L. (2017a) - Aspectos construtivos do teatro romano de Lisboa: matérias primas e técnicas edificativas. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. - *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1265-1278.
- Fernandes, L. (2017b) - Museu de Lisboa - Teatro Romano: um museu e um monumento romano na cidade. In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R., coord. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 193-211.
- Fernandes, L. (2017c) - Soluções de pavimentação no teatro romano de Lisboa. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 100-103.
- Fernandes, L. (2018) - O teatro romano de Lisboa e a utilização da água como recurso decorativo de encenação de poder. *Aqva sobre Água*. Catálogo da exposição, Museu de Lisboa - Teatro Romano, 29 setembro 2018 - 20 janeiro 2019. Lisboa: EGEAC, EM / Museu de Lisboa - Teatro Romano, pp. 24-39.
- Fernandes, L. (2020) - *El post scaenium* del teatro romano de *Felicitas Iulia Olisipo / Lisboa*. Ramallo Asensio, S. F., Ruiz Valderas, E., edfs. cient. - *La porticus post scaenam en la Arquitectura Teatral Romana* (Cartagena, 19-20 de octubre de 2018). *Actas del Symposium Internacional*. Murcia: Universidad de Murcia, Fundación Teatro Romano de Cartagena, pp.231-240
- Fernandes, L. (2019) - *Caius Heius Primus*. Formas de poder na elite de *Felicitas Iulia Olisipo*. In Caessa, A.; Campos, R., coords. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. Os Monumentos Epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópio, pp. 86-99.
- Fernandes, L.; Almeida, R. F. (2012) - Um Celeiro da Mitra no Teatro Romano de Lisboa: inércias e mutações de um espaço do século XVI à actualidade. In Teixeira, A.; Bettencourt, J., eds. - *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. 1. *ArqueoArte*. 1. Lisboa: CHAM-FCSH-UNL/UAç, pp. 111-122.

- Fernandes, L.; Almeida, R. F.; Loureiro, C. (2014) - Entre o teatro romano e a Sé de Lisboa: evolução urbanística e marcos arquitectónicos da antiguidade à reconstrução pombalina. *Revista de História de Arte*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 11, pp. 19-33.
- Fernandes, L.; Cachão, M.; Fernandes, I.; Pimentel, N.; Ribeiro, M. A. (2019) - Elementos arquitetónicos do Teatro Romano de Lisboa / *Olisipo*: sobre o emprego de estuque e da pedra. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 58, pp. 149-191.
- Fernandes, L.; Caessa, A. (2006-2007) - O *proscenium* do Teatro romano de Lisboa: aspectos arquitectónicos, escultóricos e epigráficos da renovação decorativa do espaço cénico. *Revista Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 58/59, pp. 83-102.
- Fernandes, L.; Calado, M.; Grilo, C. (no prelo) - Contextos tardios no teatro romano de lisboa: reconversão de espaços monumentais. In *Encontro Internacional – A Península Ibérica entre os séculos V-X – continuidade, tradição e mudança* (Museu Arqueológico do Carmo, 21-23 março 2019).
- Fernandes, L.; Coroado, J. (2018) - A construção do teatro de *Olisipo*: o estudo das argamassas e a engenharia do monumento romano. *História Antiga: relações Interdisciplinares, Paisagens Urbanas, Rurais & Sociais*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 97-120.
- Fernandes, L.; Coroado, J.; Calado, M.; Costantino, C. (2015) - Ocupação medieval islâmica no Museu de Lisboa - Teatro Romano: o caso do aproveitamento do *post scænium* no decurso do século XII. In *Actas do X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*. (Silves, Mértola, 22 a 27 de outubro de 2012). Silves, Mértola: Câmara Municipal de Silves, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 509-518.
- Fernandes, L.; Fernandes, P. A. (2014) - Entre a Antiguidade Tardia e a Época Visigótica: novos dados sobre a decoração arquitectónica na cidade de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 17, pp. 225-243.
- Fernandes, L.; Filipe, V. (2007) - Cerâmicas de engobe vermelho pompeiano do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico. 10: 2, pp. 229-253.
- Fernandes, L.; Grilo, C. (2019) - Um Templo Romano Junto ao Teatro de *Felicitas Iulia Olisipo* / Lisboa? *Al-Madan*, Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 22, pp. 16-22.
- Fernandes, L.; Leitão, M. (2016) - *Relatório Final. Intervenção Arqueológica no Monumento Romano da Rua da Prata Lisboa - Outubro de 1995 e Maio de 1996*. Relatório entregue à DGPC. Lisboa. Documento policopiado.
- Fernandes, L.; Loureiro, C. C. (no prelo) - As antiguidades romanas em Júlio de Castilho: os casos particulares do teatro e das termas dos Cássios. In *“Júlio de Castilho (1840-1919). Sessão evocativa no centenário da sua morte. 11 de fevereiro de 2019*. *Revista Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Fernandes, L.; Loureiro, C.; Brazuna, S.; Sarrazola, A.; Prata, S. (2015) - Paisagem urbana de *Olisipo*: fatias da história de uma cidade. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 18, pp. 203-224.
- Fernandes, L.; Marques, A.; Filipe, V.; Calado, M. (2011) - A transformação de produtos piscícolas durante a Época Romana em *Olisipo*: o núcleo da Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico. 14, pp. 239-261.
- Fernandes, L.; Nogales Basarrate, T. (2018) - Teatro Romano de *Olisipo*: programas decorativos teatrais de *Lusitania*. In *Escultura Romana en Hispania (Actas de la VIII Reunión Internacional de Escultura Romana en Hispania – Universidad de Córdoba y Baena 5-8 octubre de 2016)*. Córdoba: Editorial Universidad de Córdoba, pp. 432-455.
- Fernandes, L.; Pimenta, J.; Calado, M.; Filipe, V. (2013) - Ocupação sidérica na área envolvente do Teatro Romano de Lisboa: O Pátio do Aljube. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 15, pp. 167-185.
- Fernandes, L.; Sales, P. (2005) - Projecto Teatro Romano, Lisboa – a reconstituição virtual. *Revista Arquitectura e Vida*. Lisboa. 57, pp. 28-32.
- Fernandes, L.; Sepúlveda, E.; Antunes, M. (2012) - Teatro Romano de Lisboa: sondagem arqueológica a sul do monumento e o urbanismo de *Olisipo*. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 17, pp. 44-55.
- Fernandes, P. A. (no prelo) - *Olisipona*: a cidade entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média. *Nova Lisboa Medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais.
- Fernandes, P. A. (2018) - Sinais de vitalidade cristã sob domínio islâmico: a diocese moçárabe. In Fontes, J. L. I., dir. - *Bispos e Arcebispos de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 61-84.
- Fernandes, P. A. (2020) - O fim de um tempo; o princípio de outro. *Felicitas Iulia Olisipo* entre romanos, bárbaros e cristãos. In Cachão, M.; Freitas, M. C.; Guerra, A., coords. - *Lisboa Romana. Felicitas Iulia Olisipo. O território e a memória*. Lisboa: Caleidoscópio, pp. 140-149.
- Fernández, A.; Morais, R. (2012) - *Terra sigillata* Bracarense Tardia (TSBT). In Bernal Casasola, D.; Ribera i Lacomba, A., eds. - *Cerámicas Hispanorromanas II. Producciones Regionales*. Cádiz: Universidad de Cádiz, pp. 132-174.
- Ficcardori, G. (1983) - Note storiche ai mosaici di Lin (Albania). In *III Colloquio Internazionale sul Mosaico Antico (Ravenna 6-10 Settembre 1980)*, Ravenna. I, pp. 185-196.
- Figueiredo, B. (1889) - As termas dos Cassios, em Lisboa. *Revista Archeologica Lisboa*. 3, pp. 149-154.
- Filipe, I. (2017) - Casa do governador da Torre de Belém: uma fábrica de preparados de peixe de época romana na periferia de *Olisipo*. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P.

- A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 118-119.
- Filipe, I.; Fabião, C. (2006-2007) - Uma unidade de produção de preparados de peixe de época romana na Casa do governador da Torre de Belém: uma primeira apresentação. *Revista Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 58/59, pp. 103-118.
- Filipe, V. (2005) - Projecto de Alteração e Ampliação do Conjunto Edificado situado na Rua de São João da Praça (n.ºs 28-30) e Beco do Marquês de Angeja. *Relatório Final da Intervenção Arqueológica*. Documento policopiado.
- Filipe, V. (2008) - Importação e exportação de produtos alimentares em *Olisipo*: as ânforas romanas da Rua dos Bacalhoeiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. 11: 2, pp. 301-324.
- Filipe, V. (2019) - *Olisipo, o grande porto romano da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado*. Dissertação de Doutoramento em História, na especialidade de Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Documento policopiado.
- Filipe, V.; Calado, M. (2007) - Ocupação romana no Beco do Marquês de Angeja, Alfama: evidências de estruturas termais junto da porta nascente de *Olisipo*. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 15. Adenda electrónica. IX, pp. 1-10.
- Filipe, V.; Quaresma, J.C.; Leitão, M.; Almeida, R. (2016) - Produção, consumo e comércio de alimentos entre os séculos II e III d.C. em *Olisipo*: os contextos romanos da Casa dos Bicos, Lisboa (intervenção de 2010). In Járrega, R.; Berni Millet, P., eds. - *Amphoræ ex Hispania: paisajes de producción y consumo* (Monografías Ex Officina Hispana III). Tarragona: Instituto Catalán de Arqueología Clásica (ICAC/SECAH), pp. 423-445.
- Filipe, V.; Santos, R. (2017) - As termas romanas às portas de Alfama. In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R., eds. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 247-253.
- Fontes, L.; Lemos, F. S.; Cruz, M. (1997-98) - «Mais velho» que a Sé de Braga. Intervenção arqueológica na catedral bracarense: notícia preliminar. *Cadernos de Arqueologia*. Braga: Universidade do Minho. Serie II. 14-15, pp. 137-164.
- Fortes, M. L. S. (2009) - *A xestión da auga na paisaxe romana do occidente peninsular*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Santiago de Compostela.
- García y Bellido, A. (1990) - *Arte Romano*. 4.ª ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Gaspar, A.; Gomes, A. (2007) - As Muralhas de *Olisipo*: troço junto ao Tejo. In Rodríguez Colmenero, A.; Rodá Dellanza, I., eds. - *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, pp. 685-698.
- Gaspar, A.; Gomes, A. (2017a) - O espaço público de época romana dos Armazéns Sommer. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 104-105.
- Gaspar, A.; Gomes, A. (2017b) - Pavimentos do espaço público de época romana da Sé de Lisboa. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 116-117.
- Ginouvès, R.; Martin, R. (1985) - *Dictionnaire méthodique de l'architecture grecque et romaine*. Roma: École Française de Rome. I.
- Giuliani, C. F. (1993) - *Ledilizia nell'antichità*. Urbino: NIS.
- Gomes, A. (2004) - *Armazéns Sommer. Relatório das Escavações Arqueológicas*. Lisboa. Documento policopiado.
- Gomes, A. (2005) - *Armazéns Sommer. Relatório das Escavações Arqueológicas*. Lisboa. Documento policopiado.
- Gomes, A.; Gaspar, A.; Pimenta, J.; Valongo, A.; Mendes, H.; Guerra, S.; Pinto, P.; Ribeiro, S. (2004) - *Primeiros resultados da intervenção arqueológica nos Armazéns Sommer, Lisboa*. Comunicação apresentada ao IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Faro, Setembro de 2004.
- Gomes, S. M.; Ponce, M.; Filipe, V. (2017) - A Intervenção Arqueológica no âmbito do Projecto de Arquitectura “Apartamentos Pedras Negras” (Lisboa). In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R., coords. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 348-365.
- Gonçalves, D.; Duarte, C.; Costa, C.; Muralha, J.; Campanacho, V.; Costa, A. M.; Angelucci, D. E. (2010) - The Roman cremation burials of Encosta de Sant'Ana (Lisbon). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. 13, pp. 125-144.
- Gonçalves, L. J. R. (2007) - Escultura Romana em Portugal: uma arte do Quotidiano. *Stvdia Lusitana*. Merida: Museo Nacional de Arte Romano. 2.
- Gonzales Fernández, J. (1984) - Nueva Inscripción de un Difusor Olearius en la Bética. In Blázquez Martínez, J. M.; Remesal Rodríguez, J., coords. - *Producción y comercio del aceite en la antigüedad: segundo congreso internacional (Sevilla, 24-28 febrero 1982)*. Madrid: Universidade Complutense, pp. 183-191.
- Gouveia, M. (2007) - O culto dos santos mártires de Lisboa na fronteira ocidental do reino de Leão (século X-XI). In *Lisboa Medieval. Os rostos da cidade*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 388-399.
- Grilo, C. (2013) - As lucernas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 16, pp. 277-292.
- Grilo, C. (2014) - As cerâmicas de inspiração de *sigillata* do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. Primeira sistematização. In Morais, R.; Fernández, A.; Sousa, M. J., eds. - *As produções cerâmicas de imitação na Hispânia* (Monografías Ex Officina Hispana II). Faculdade Letras da Universidade do Porto. II, pp. 85-98.

- Grilo, C.; Santos, C. (2016-2017) - A cerâmica comum da villa romana de Povos. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. V, pp. 86-115.
- Grimal, P. (2002) - *O Teatro Antigo*. Lisboa: Edições 70.
- Gros, P. (1976) - *Aurea templa: recherches sur l'architecture religieuse de Rome à l'époque d'Auguste*. Roma: École Française de Rome.
- Guerra, A. (2006) - Os mais recentes achados epigráficos do castelo de S. Jorge, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 9: 2, pp. 271-297.
- Guerra Millán, S.; Collado Giraldo, H.; Pérez Romero, S.; Viola Nevado, M. (2014) - *Metellinum*: síntesis histórica y novedades arqueológicas de esta ciudad romana. In Nogales Basarrate, T.; Pérez del Castillo, M. J.; Aguilar Sáenz, A., eds. - *Ciudades romanas de Extremadura*. Mérida, Badajoz: Museo Nacional de Arte Romano, Departamento de Investigación, pp. 195-221.
- Gutiérrez Behemerid, M. A. (1992) - *Capiteles romanos de la Península Ibérica*. Valladolid: Universidad.
- Gutiérrez Behemerid, M. A. (2004) - Los programas arquitectónicos de época imperial en el *Conventus Clunien-sis*. In Ramallo Ascencio, S., ed. cient. - *La Decoración Arquitectónica en las Ciudades Romanas de Occidente*. Murcia: Universidade de Murcia, pp. 275-292.
- Hauschild, T. (1990) - Das römische Theater von Lissabon, Planaufnahme 1985–1988. *Madri der Mitteilungen*. Mainz. 31, pp. 338-392.
- Hauschild, T. (1994) - O teatro romano de Lisboa. In Ar-ruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Ex-posição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, pp. 64-66.
- Hauschild, T. (1996) - Évora. Um cimácio de época visigótica encontrado junto ao templo romano. In Maciel, M. J. dir. - *Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*. Lisboa: Colibri, pp. 271-274.
- Hayes, J. (1967) - North Syrian Mortaria. *Hesperia*. Vigo: Universidade de Vigo. 36, pp. 337-347.
- Hayes, J. W. (1972) - *Late roman pottery*. London: The British School at Rome.
- Henriques, R.; Valongo, A. (2017a) - *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos da Rua do Arsenal N.º 116/ 132, Lisboa*.
- Henriques, R.; Valongo, A. (2017b) - Pintura mural na Travessa do Ferragial, Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A., eds. - *Arqueologia em Portugal / 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1255-1258.
- Heras Mora, F. J. (2015) - Un nuevo documento arqueológico sobre el origen del Cristianismo emeritense. La *domus* de la Puerta de la villa de Mérida. *Mérida, excavaciones arqueológicas*. Mérida: Consorcio Monumental de Mérida. 11, pp. 507-533.
- Heras Mora, F. J.; Macarena Bustamante, A. (2007) - Contribución al estudio de las ánforas tardorrepublicanas del enclave militar de “El Santo” de Valdetorres (Badajoz, España). *Vipasca. Arqueologia e História*. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. Série. II, pp. 318-324.
- Herculano, A. (1848) - *O monge de Cister*. Lisboa: Bertrand e Filhos.
- Hidalgo Prieto, R. (1991) - Mosaicos com decoracion geometrica y vegetal de la villa romana de El Ruedo (Almedinilla, Cordoba). *Anales de Arqueologia Cordobesa*. Córdoba: Universidad de Córdoba. 2, pp. 325-362.
- Humphrey, J. (1986) - *Roman Circuses. Arenas for Chariot Racing*. Somerset: University of California Press.
- Hyland, A. (1990) - *Equus. The Horse in the Roman World*. B.T. Batsford Ltd, Londres.
- Janeiro, H. P. (1993) - *Lisboa. Freguesia do Castelo*. Lisboa: Contexto.
- Janon, M. (1986) - Le décor architectonique de Narbonne. Les rinceaux. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Paris: Université Paul-Valérie. 13.
- Jorge, A. M. (2001) - *Lépiscopat de Lusitanie pendant l'Antiquité Tardive (IIIe-VIIe siècles)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Junkelmann, M. (2000) - On the Starting Line With Ben-Hur: Chariot Racing in the Circus Maximus. *Gladiators and Caesars*. British Museum Press.
- Kähler, H. (1939) - Die Römischen Kapitelle des Rhein-gebietes. *Römisch-Germanische Forschungen*. Band 13. Berlin.
- Khader, A. (1987) - *Corpus des Mosaïques de Tunisie*. Tunis. II: 3.
- Lancha, J. (1977) - *Mosaïques Géométriques. Les Ateliers de Vienne (Isère). Leurs modèles et leur originalité dans l'Empire romain*. Roma: «L'Erma» di Breitschneider.
- Leitão, M. (2014) - Muralhas de Lisboa. *Rossio. Estudos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal/Gabinete de Estudos Olisiponenses. 3, pp. 66-79.
- Lopes, V. (2013) - *Mértola e o seu território na antiguidade tardia (séculos IV-VIII)*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Huelva.
- López Monteagudo, G.; Navarro Sáez, R.; Palol Salellas, P. (1998) - *Corpus de Mosaicos de España*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. XII.
- López Rodríguez, J. R. (1985) - *Terra sigillata hispánica tardia decorada a molde de la Península Iberica*. Salamanca.
- Loyzance, M.-F. (1986) - À Propos de Marcus Cassius Sempronianus Olisiponensis, Diffusor Olearius. *Revue des Études Anciennes. Hommage à Robert Étienne*. Tome 88. N.º 1-4. Paris: Publications du Centre Pierre Paris, Diff. de Boccard. 17, pp. 273-284.
- Lugli, G. (1957) - *La tecnica edilizia romana*. Roma.
- Machado, J. L. (1970) - Documentos de Estácio da Veiga para o estudo da arqueologia do Algarve. I - Catálogo de plantas, desenhos e mosaicos. In *I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1969)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 335-385.
- Macias, S. (1993) - Um espaço funerário, In. Torres, C., coord. - *Museu de Mértola. Basílica Paleocristã*. Mértola.

- la: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 31-62.
- Macias, S. (2006) - *Mértola. O último porto do Mediterrâneo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- Maciel, M. J. (1993/1994) - A propósito das chamadas «conservas de água da Rua da Prata». *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 22-23, pp. 145-156.
- Maciel, M. J. (1996) - *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*. Lisboa: ed. Autor.
- Maciel, M. J. (1997) - Évora visigótica. Évora na Antiguidade Tardia. *Évora. História e imaginário*. Évora: Ataegina, pp. 27-42.
- Maciel, M. J. (2006) - *Vitrúvio - Tratado de arquitectura*. Tradução do latim, introdução e notas. Lisboa: IST Press.
- Man, A. (2005) - Sobre a cristianização de um *Forum*. *Al-Madan. Adenda Electrónica*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 13., pp. VI.1-VI.4.
- Man, A. (2006) - *Conimbriga. Do Baixo Império à Idade Média*. Lisboa: Sílabo.
- Man, A. (2008) - *Defesas urbanas tardias da Lusitânia*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Mañas Romero, I. (2009) - Pavimentos decorativos de Itálica. Una fuente para el estudio del desarrollo urbano de la ampliación Adrianea. *Romula*. Sevilha: Universidad Pablo de Olavide. 8, pp. 179-198.
- Mañas Romero, I. (2011) - *Corpus de Mosaicos Romanos de España*, Madrid-Sevilla: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Universidad Pablo de Olavide. XIII.
- Mantas, V. G. (1990) - As Cidades marítimas da Lusitânia. *Les Villes de Lusitanie Romaine* (Coll. de la Maison des Pays Iberiques 42). Paris: CNRS, pp. 149-206.
- Mantas, V. G. (1999) - *Olisipo e o Tejo*. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático "Lisboa Ribeirinha" (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de julho de 1997)*. Lisboa: Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, pp. 15-41.
- Mantas, V. G. (2000) - A rede viária romana e medieval da região de Torres Vedras. *Turres Veteras. Actas de História Medieval*. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras - Instituto Alexandre Herculano. I, pp. 11-25.
- Mantas, V. G. (2004) - *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 43, pp. 63-83.
- Mantas, V. G. (2013) - População e mobilidade nas cidades romanas de Portugal. In *I Congresso Histórico Internacional. As cidades na História: População*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, pp. 99-125.
- Mantas, V. G. (2018) - O Município de *Felicitas Iulia Olisipo* e as viagens por terra e por mar. In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I., eds. - *Meios, vias e trajetos... Entrar e Sair de Lisboa*. (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 2). Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL; SGL/SA, pp. 37-51.
- Mar, R. (2000) - Las Termas Imperiales. In Fernández Ochoa, C.; García Entero, V., eds. - *Termas Romanas en el Occidente del Imperio (Gijón, Colóquio Internacional, 2000)*. Gijón: VPT Editorial. Série Património. 5, pp. 15-21.
- Marques, J. A.; Santos, V. (1996) - Intervenção arqueológica de emergência na Baixa de Lisboa. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 5, p. 201.
- Marrero-Díaz, R.; Ramalho, E. C. (2015) - Características geoquímicas das antigas nascentes termominerais de Alfama (Lisboa, Portugal): estudo preliminar do seu potencial geotérmico e hidromineral. *Comunicações Geológicas*. Lisboa: Laboratório Nacional de Energia e Geologia IP. 102. Especial I. XX-XX, pp. 1-5. [Consult. 14 de Setembro de 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://www.lneg.pt/iedt/unidades/16/paginas/26/30/208>).
- Martins, M. (2000) - *Bracara Augusta: A casa romana das Carvalheiras* (Roteiros Arqueológicos 2). Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- Martins, M. (2005) - *As Termas romanas do Alto da Cidade: Um exemplo de arquitectura pública de Bracara Augusta* (Escavações Arqueológicas 1). Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- Mascarenhas, J. M.; Bilou, F.; Neves, N. S. (2012) - O aqueduto romano de Olisipo: viabilidade ou utopia? Ensaio de traçado apoiado em modelação geográfica. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social. 43, pp. 239-264.
- Mateos Cruz, P. (1995) - Arqueología de la Tardoantigüedad en Mérida: estado de la cuestión. In Velásquez Jiménez, A.; Cerrillo Martín de Cáceres, E.; Mateos Cruz, P., coords. - *Los últimos romanos en Lusitania*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, pp. 125-152.
- Mateos Cruz, P. (2018) - *Avgvsta Emerita*, de capital de la *diocesis hispaniarvm* a sede temporal visigoda. In Sánchez Ramos, I.; Mateos Cruz, P., eds. - *Territorio, topografía y arquitectura de poder durante la Antigüedad Tardía*. Mérida: Instituto de Arqueologia de Mérida, pp. 491-520.
- Mateos Cruz, P.; Picado Pérez, Y. (2011) - El teatro romano de *Metellinum* (Taffeln 13-23). *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg. 52, pp. 373-410.
- Mateos Cruz, P.; Pizzo A. (2018) - El teatro y el anfiteatro de *Augusta Emerita*. Aspectos Arqueológicos, Cronológicos y Urbanísticos. In Mateos Cruz, P., ed. - *La Scænæ Frons del Teatro Romano de Mérida. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. LXXXVI, pp. 13-38.
- Mateos Cruz, P.; Rodríguez Gutierrez, O. (2018) - La Arquitectura del edificio escénico del teatro romano de Mérida. In Mateos Cruz, P., ed. - *La Scænæ Frons del Teatro Romano de Mérida. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. LXXXVI, pp. 41-74.
- Matos, J. L. (1995) - *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia: Coleção de Escultura Romana*. Lisboa: Ministério da Cultura.
- Mayet, F. (1975) - *La céramique a parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Bordeaux: Centre Pierre/CNRS.
- Mayet, F.; Schmitt, A.; Silva, C. T. (1996) - *Les amphores du Sado, Portugal: prospection des fours et analyse du matériel*. Paris: Editions De Boccard.

- Melchor Gil, E. (1992-93) - La construcción pública en Hispania Romana: iniciativa imperial, municipal y privada. *Memorias de Historia Antigua*. Oviedo: Universidad de Oviedo. XIII-XIV, pp. 129-170.
- Melchor Gil, E. (1999) - Elites municipales y mecenazgo cívico en la Hispania Romana. In Rodríguez Neila, J. F.; Navarro Santana, F. J., eds. - *Elites y promoción social en la Hispania Romana*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra SA – EUNSA, pp. 219-263.
- Milella, M. (2004) - La decorazione architettonica del Foro di Traiano a Roma. *La decoración arquitectónica en las ciudades romanas de occidente*. A cura di S. Ramallo Asensio. Murcia, pp. 5-71.
- Mingoia, V. (2004) - Evergetismo relativo agli edifici da spettacolo romani. una rassegna di testi epigrafici della baetica. *ROMULA*. Sevilha: Universidad Pablo de Olavide. 3, pp. 219-238.
- Moita, I. (1968) - Achados da Época Romana no Subsolo de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 116-117, pp. 33-34.
- Moita, I. (1970a) - Noticiário arqueológico e artístico. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 124/125, pp. 56-62.
- Moita, I. (1970b) - O teatro romano de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 124/125, pp. 7-37.
- Moita, I. (1977) - *As Termas Romanas da Rua da Prata*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Moita, I. (1994) - O domínio romano. In Moita, I., ed. - *O livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte / Lisboa 94, pp. 35-68.
- Moita, I.; Leite, A. C. (1986) - Recuperar *Olisipo* a partir de Lisboa. In *I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*. Lisboa: IPPC, pp. 55-67.
- Morais, R.; Fabião, C. (2007) - Novas produções de fabrico lusitano; problemáticas e importância económica. In Lagóstena, L.; Bernal, D.; Arévalo, A., eds. - *Actas del Congreso Internacional CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad* (BAR International Series 1686). Oxford, pp. 127-133.
- Morán Sánchez, C. J. (2018) - Estudios sobre la *Scænæ Frons* del teatro Romano de Mérida. In Mateos Cruz, P., ed. - *La Scænæ Frons del Teatro Romano de Mérida. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. LXXXVI, pp. 207-242.
- Mota, N.; Carvalhinhos, M.; Miranda, P. (2018) - A «cerca velha» de Lisboa na Antiguidade Tardia e Idade Média: novas leituras a partir das fontes arqueológicas. In *Espaços e poderes na Europa urbana medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 495-520.
- Mota, N.; Grilo, C.; Almeida, R.; Filipe, V. (2016-2017) - Apontamento crono-estratigráfico para a topografia histórica de *Olisipo*. A intervenção arqueológica na rua de São Mamede (Via Pública – 19), Santa Maria Maior, Lisboa. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. V, pp. 149-207.
- Mota, N.; Martins, P. V. (2018) - Criptopórtico romano de Lisboa: Arqueologia e Arquitectura de uma estrutura portuária (um esboço preliminar). In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I., eds. - *Meios, vias e trajetos... Entrar e Sair de Lisboa* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 2). Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL; SGL/SA, pp. 78-101.
- Nicolaou, K. (1983) - Three New Mosaics at Paphos, Cyprus. In *III Colloquio Internazionale sul Mosaico Antico (Ravenna 6-10 Settembre 1980)*. Ravenna. I, pp. 219-215.
- Nogales Basarrate, T., ed. (1996) - *La pintura romana antigua: actas del Coloquio Internacional*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano de Mérida.
- Nogales Bassarate, T. (2008) - Circos romanos de *Hispania*. Novedades y perspectivas arqueológicas. In Nelis-Clément, J.; Roddaz, J.-M., eds. - *Le cirque romain et son image*. Bordeaux: Ausonius.
- Nogales Bassarate, T. (2017) - *Ludi Circenses en Hispania: Tipologías Monumentales y Testimonios Iconográficos*. In López Vilar, J., coord. - *Actes 3r Congrés Internacional d'Arqueologia i Món Antic. La glòria del circ: curses de carros i competicions circenses. In memoriam Xavier Dupré i Raventós (Tarragona, 16-19 de novembre de 2016)* (Tarraco Biennal 3). Tarragona: Fundació Privada Mútua Catalana, pp. 11-26.
- Nogales Basarrate, T.; Carvalho, A.; Almeida, M. J. (2002) - El Programa Decorativo de la Quinta das Longas (Elvas, Portugal): un Modelo excepcional de las Uillare de la Lusitania. In Romano, M. N., ed. - *Actas de la IV Reunion sobre Escultura Romana en Hispania*. Cuenca: Parque arqueológico de Segobriga, pp. 103-156.
- Nogales Basarrate, T.; Gonçalves, L.; Lapuente, P. (2019) - Materiales Lapídeos, mármoles y talleres en Lusitania. In Nogales Basarrate, T.; Beltrán Fortes, J., eds. - *Marmora Hispana: explotación y uso de los materiales pétreos en la Hispania Romana*. Roma, pp. 406-465.
- Nogales Basarrate, T.; Márquez Pérez, J. (2002) - Espacios y tipos funerarios en *Augusta Emerita*. *Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*. Córdoba: Universidad de Córdoba, pp. 113-144.
- Nogales Basarrate, T.; Merchán García, M. J. (2018) - Teatro romano de *Mettelinum*: programa escultórico - decorativo. *Escultura Romana en Hispania (Actas de la VIII Reunión Internacional de Escultura Romana en Hispania - Universidad de Córdoba y Baena 5-8 octubre de 2016)*. Córdoba: Editorial Universidad de Córdoba, pp. 527-551.
- Oliveira, A. C. (1996) - *Património Arqueológico e Arqueologia Urbana: uma realidade presente na cidade de Loures*. Património. Museu Municipal de Loures.
- Oleiro, J. M. B. (1973) - Mosaicos de Conimbriga encontrados durante as sondagens de 1899. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 12, pp. 1-92.
- Oleiro, J. M. B. (1986) - Mosaico romano. In Alarcão, J., coord. - *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa. I, pp. 111-127.
- Oleiro, J. M. B. (1992) - *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal. Conventus Scallabitanus I. Conimbriga - Casa*

- dos Repuxos*, Lisboa: Instituto Português de Museus, Museu Monográfico de Conímbriga.
- Ovadia, R.; Ovadia, A. (1987) - *Hellenistic, Roman and Early Byzantine Mosaic Pavements in Israel* (Bibliotheca Archaeologica 6). Roma: «L'Erma» di Bretschneider.
- Parreira, J.; Macedo, M. (2013) - O fundeadouro romano da Praça D. Luís I. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. - *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 747-754.
- Peacock, D. P. S.; Williams, D. F. (1986) - *Amphoræ and the Roman Economy. An Introductory Guide*. London: Longman Publications.
- Pedroso, R. (2005) - Pintura Mural Luso-Romana. O Arqueólogo Português. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Série 4. 23, pp. 321-366.
- Pensabene, P. (1973) - *Scavi di Ostia, VII; i capitelli*. Roma: Istituto Poligrafico dello Stato.
- Pereira, C. (2013) - Lucernas romanas de Alcácer do Sal. Entre a prática e o sagrado. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 17, pp. 13-28.
- Pérez Olmedo, E. (1996) - *Revestimientos de Opus Sectile en la Península Iberica* (*Studia Archaeologica* 84). Valladolid: Universidad de Valladolid.
- Pessoa, F. (1934) - *Mensagem*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.
- Pimenta, J. (2005) - *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)* (Trabalhos de Arqueologia 41). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Pimenta, J. (2013) - A Arquitetura do Monte dos Castelinhos. In *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo). Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Lisboa, Vila Franca de Xira: Museu Nacional de Arqueologia e Museu Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 31-42.
- Pimenta, J. (2017) - Em torno dos mais antigos modelos de ânfora de produção lusitana. Os dados do Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira). In Fabião, C.; Raposo, J.; Guerra, A.; Silva, F., eds. - *Olaria Romana. Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental / Roman Pottery Works: international seminar and experimental archaeological workshop*. Lisboa, pp. 195-205.
- Pimenta, J.; Calado, M.; Leitão, M. (2005) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 8: 2, pp. 313-334.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2013) - *Catálogo Monte dos Castelinhos Vila Franca de Xira - Em busca de Ierabriga*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 135-191.
- Pinheiro, H.; Santos, R.; Rebelo, P. (2017) - Contextos romanos identificados na frente ribeirinha de Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A., eds. - *Arqueologia em Portugal / 2017. Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1293-1304.
- Pizzo, A. (2010) - *Las técnicas constructivas de la arquitectura pública de Augusta Emérita. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. 56.
- Ponte, S. (1988) - *Villa rústica de S. Pedro de Caldelas - Tomar*. Tomar: Centro de Estudos de Arte e Arqueologia.
- Prata, S. (2013) - *Acompanhamento arqueológico da Rua de S. Mamede ao Caldas, n.º 9*. Relatório final de intervenção arqueológica entregue à DGPC. Lisboa. Documento policopiado.
- Quaresma, J. C. (no prelo) - Late contexts from *Olisipo* (Lisbon, Portugal). *Ceramics and Atlantic Connections: Late Roman and Early Medieval Imported Pottery on the Atlantic Seaboard: Proceedings of an International Symposium at Newcastle University, March 2014*.
- Quaresma, J. C.; Silva, R. B.; Bettencourt, J.; Fonseca, C.; Sarrazola, A.; Carvalho, R. (2017) - As ânforas romanas da nova sede da EDP (Lisboa). In Arnaud, J. M.; Martins, A., eds. - *Arqueologia em Portugal / 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1305-1315.
- Quinteira, C.; Encarnação, J. (2009) - Pedestal ao divino Augusto, de *Olisipo*, reencontrado. *Sylloge Epigraphica Barcinensis*. Barcelona: Universitat de Barcelona. 7, pp. 143-146.
- Ramallo Asencio, S. F. (1985) - *Mosaicos Romanos de Carthago Nova (Hispania Citerior)*. Murcia: Consejería de Cultura y Educación de la Comunidad Autónoma.
- Ramalho, E. C.; Lourenço, M. C. (2005) - As águas de Alfama - A riqueza esquecida da cidade de Lisboa. *Boletim de Minas*. Lisboa: LNEG. 40: 1. Edição Especial, pp. 6-24.
- Real, M. L. (2000) - Portugal: cultura visigoda e cultura moçárabe. *Visigodos y Omeyas. Un debate entre la Antigüedad tardía y la alta Edad Media*. Madrid: CSIC, pp. 21-75.
- Reis, M. P. (2004) - *Las termas y balnea romanos de Lusitania. Lusitania (Stydia Lusitana 1)*, Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- Reis, M. P. (2015) - *De Lusitaniæ urbium balneis: estudo sobre as termas e balneários das cidades da Lusitânia*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Ribeiro, J. C. (1982-1983) - Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de *L. Ivlivs Maelo Cavdicvs. Sintria*. Sintra: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. I-II: 1, pp. 151-476.
- Ribeiro, J. C. (1994a) - Breve nota acerca do criptopórtico de *Olisipo* e da possível localização do «forum corporativo». In *Encontro de Arqueologia Urbana. Braga, 1994. Bracara Augusta*. Braga: Câmara Municipal de Braga. 45, pp. 191-200.
- Ribeiro, J. C. (1994b) - *Felicitas Ivlia Olisipo* algumas considerações em torno do catálogo Lisboa Subterrânea. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 3, pp. 75-95.
- Ribeiro, J. C. (1995-2007) - *Soli æterno Ivnæ* cultos astrais em época pré-romana e romana na área de influência da serra de Sintra: ¿um caso complexo de sincretismo? In *Actas do Segundo Colóquio Internacional de Epigrafia Culto e Sociedade. Sintria*. Sintra. Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas: III-IV, pp. 595-624.

- Ribeiro, J. C. (2013) - Ptolomeu, Geogr. II 5, 6: XPHTINA ou *APHTINA? In Pimentel, M. C.; Alberto, P. F., eds. - *Vir bonus peritissimus æque. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. Lisboa, pp. 343-379.
- Ribeiro, L. C. (2015) - Contributos para uma visão global dos pavimentos de mosaico da *villa* romana de Santiago da Guarda, Ansião. In *Actas do Encontro Portugal-Galiza: Mosaicos Romanos Fragmentos de Cultura nas Proximidades do Atlântico*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, APECMA, pp. 71-91.
- Ribeiro, R.; Neto, N.; Rebelo, P. (2017) - Os pavimentos romanos dos antigos Armazéns Sommer (campanha de 2014-2015). In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 106-111.
- Ribeiro, R.; Neto, N.; Rebelo, P.; Rocha, M. (2017a) - Dados preliminares de uma intervenção arqueológica nos antigos Armazéns Sommer, Lisboa (2014-2015). In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R., coords. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 223-245.
- Ribeiro, R.; Vieira, V.; Rebelo, P.; Neto, N. (2017b) - A Roman Mosaic Unearthed in Armazéns Sommer (Lisbon). *Archaeology and Iconography. Journal of Mosaic Research*. Istanbul: Ege Yayınları. 10, pp. 335-346.
- Rigour, J. (1968) - Les Sigillées Paléochrétiennes grises et orangées. *Gallia*. Paris. XXVI: 1, pp. 177-244.
- Rigour, Y.; Rigour, J.; Rivet, L.; Proust, J. (1985) - Les Dérivées des Sigillées Paléochrétiennes. Exportations et influences entre le groupe provençal et le groupe languedocien. *Documents d'Archéologie Méridionale*. 8, pp. 87-99.
- Rivet, L. (2001) - Les sigillées tardives issues des feuilles 1946-1970 de Saint-Blaise (Bouches-du-Rhône). Quantification et mise en évidence des décors. In *SFECAG, Actes du congress de Lille-Bavay*, pp. 489-515.
- Rocha, A. (2016) - "Almofariz". *Peça do mês*. Museu do Dinheiro Largo de S. Julião. Lisboa: Banco de Portugal.
- Rocha, A.; Represas, J.; Miguez, J.; Inocêncio, J. R. (2013) - Edifício Sede do Banco de Portugal em Lisboa. Um primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. - *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1011-1018.
- Rodríguez Almeida, E. (1987-1988) - *Diffusores, negotiatores, mercatores olearii*. *Bullettino della Commissione Archeologica Comunale di Roma*. Roma: L'Erma di Bretschneider. 92, pp. 299-306.
- Rodríguez de Oliva, P.; Serrano Ramos, E. (1988) - Tres Nuevas Inscripciones de Singilia Barba (El Castillón, Antequera, Málaga). *Baetica. Estudios de Historia Moderna y Contemporánea*. Málaga: Universidad de Málaga. 11, pp. 237-56.
- Ronczewsky, K. (1923) - *Variantes Libres de chapiteaux romains (Acta Universitatis Latviensis VIII)*. Roma.
- Röring, N. (2010) - Nuevo estudio arquitectónico de la fachada escénica del teatro romano de *Augusta Emerita*. In Ramallo Asensio, S.; Röring, N., eds. - *La scænæ frons en la arquitectura teatral romana: actas del Symposium Internacional celebrado en Cartagena los días 12 al 14 de marzo de 2009 en el Museo del Teatro Romano*. Murcia: Universidad; Fundación Teatro Romano de Cartagena, pp. 163-172.
- Rosenweig, R. (2004) - *Worshipping Aphrodite: art and cult in classical Athens*. Michigan: University of Michigan Press.
- Sabrosa, A.; Henriques, F.; Carvalho, E.; Germano, A. (2012) - Os fornos romanos da Quinta da Granja (Cachoeiras, Vila Franca de Xira) e Quinta de Santo António (Carregado, Alenquer). *Cira Arqueologia Online. Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga (Vila Franca de Xira, 31 de Outubro 2008)*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. I, pp. 148-157.
- Salomé, R.; Calado, M. (2012) - Um pequeno conjunto cerâmico de Época Medieval da Rua de São Mamede (Lisboa). *Al-Madan online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 17, pp. 23-30.
- Salvado, S. (1994) - 2. Lisboa Evolução: período romano. In Santana, F.; Sucena, E., dirs. - *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas e Associados, pp. 503-509.
- Salvado, S.; Ferreira, S. V. (1984) - Alguns elementos pré-românicos reutilizados nos paramentos exteriores da Sé de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Série 2. 45: 7, pp. 3-36.
- San Nicolás Pedraz, M. P. (1994) - La iconografía de Venus en los mosaicos hispanos. In *VI Coloquio Internacional sobre Mosaico Antiguo (Palencia-Mérida, 1990)*. Valladolid: Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo, pp. 393-408.
- San Nicolás Pedraz, M. P. (2004-2005) - Seres mitológicos y figuras alegóricas en los mosaicos romanos de Hispania en relación con el agua. In *Espacio, Tiempo y Forma*. Madrid: UNED. Serie II. Historia Antigua. 17-18, pp. 301-333.
- Santos, A. B. (2015) - *A terra sigillata do Edifício Sede do Banco de Portugal. Dissertação de Mestrado em Arqueologia*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Santos, C. (2011) - *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Santos, C.; Raposo, J.; Quaresma, J. C. (2015) - Análise Crono-Estratigráfica da Olaria Romana da Quinta do Rouxinol (Corroios, Seixal). In Quaresma, J. C.; Marques, J., eds. - *In Contextos Estratigráficos na Lusitania (do Alto-Império à Antiguidade Tardia)*. (AAP Monografias 1). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 117-148.
- Santos, V.; Marques, J. (2002) - Acompanhamento das obras do metropolitano de Lisboa: Intervenção arqueológica na Avenida da Ribeira das Naus. In *3.º Encontro de Arqueologia Urbana - Actas (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997)* (Monografias Arqueologia). Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 165-176.
- Sauron, G. (1979) - Les modèles funéraires classiques de l'art décoratif Neo-attique au 1er siècle avant J.-C. *Mélanges de l'École Française de Rome. Antiquité*. Roma. 91, pp. 183-236.

- Sepúlveda, E.; Fernandes, L. (2012) - Um cálice em *terra sigillata* de tipo itálico encontrado na zona ribeirinha de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 15, pp. 139-154.
- Sepúlveda, E.; Gomes, N.; Silva, R. B. (2003) - Intervenção arqueológica urbana na Rua dos Douradores / Rua de S. Nicolau (Lisboa). 1: a *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 6: 2, pp. 401-414.
- Sepúlveda, E.; Bolila, C. (2020) - A cerâmica fina romana do teatro de *Olisipo*. *Scæna. Estudos do Teatro Romano*. Lisboa: EGEAC / Museu de Lisboa - Teatro Romano. 1, pp. 120-135.
- Sepúlveda, E.; Vale, A.; Sousa, V.; Santos, V.; Guerreiro, N. (2002) - A cronologia do circo de *Olisipo*. A *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 5: 2, pp. 245-275.
- Silva, A. V. (1934) - As Termas Romanas da Rua da Prata, em Lisboa. In *Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais*. Lisboa. 13, pp. 19-29.
- Silva, A. V. (1939) - *Muralhas da Ribeira de Lisboa*. 2.^a ed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. (1.^a ed. 1900; 3.^a ed. 1987).
- Silva, A. V. (1944) - *Epigrafia de Olisipo: subsídios para a história da Lisboa Romana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Silva, A. V. (1987) - *A Cerca Fernandina de Lisboa*. 2.^a ed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. I.
- Silva, B. M. (2007) - *A implantação romana nas Almoínhas (Loures). Forno 3: contribuições para a compreensão da produção oleira romana*. Relatório final para a obtenção da licenciatura em História, variante Arqueologia. Documento policopiado.
- Silva, J.; Martins, M. (2015) - A Evolução e análise funcional de uma *domus* romana. A unidade habitacional da zona arqueológica das antigas Cavaliças de Braga. In Martínez Peñin, R.; Caverio Domínguez, G., eds. - *Evolución de los Espacios Urbanos y Sus Territorios en el Noroeste de la Península Ibérica*. León: Instituto de Estudios Medievales e Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, pp. 425-442.
- Silva, M. F. (2017a) - *Mutação urbana na Lisboa Medieval. Das Taifas a D. Dinis*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Silva, M. F. (2017b) - *Balsa, Cidade Perdida*. Tavira: Campo Arqueológico de Tavira / Câmara Municipal de Tavira.
- Silva, R.; Reis, L. C.; Caetano, M. T. (2011) - Mosaicos da *Villa* Romana de Frielas – primeira notícia. In *X Colloque Mosaïque Greco-Romaine*. Coimbra, pp. 889-902.
- Silva, R. B. (1999) - Urbanismo de *Olisipo*: a zona ribeirinha. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático “Lisboa Ribeirinha” (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997)*. Lisboa: Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, pp. 43-65.
- Silva, R. B. (2005) - *“Marcas de oleiro” em terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (século I a.C. - século II d.C.)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia (Especialização em Arqueologia Urbana). Braga: Instituto de Ciências Sociais - Universidade do Minho.
- Silva, R. B. (2011) - *Olisipo*. In Remolà Vallverdu, J. A.; Acero Pérez, J., coords. - *La gestión de los residuos urbanos en Hispania: Xavier Dupré Raventós (1956-2006)*. In *Memoirien. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueologia de Mérida. LX, pp. 203-212.
- Silva, R. B. (2012a) - Arqueologia Viária Romana Em Lisboa: a I.A.U. da Praça da Figueira. *Cira Arqueologia Online. Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga* (Vila Franca de Xira, 31 de Outubro 2008). Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. I, pp. 74-87.
- Silva, R. B. (2012b) - *As “marcas de oleiro” na terra sigillata e a circulação dos vasos na península de Lisboa*. Dissertação de Doutoramento em História, especialidade em Arqueologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Silva, R. B. (2015a) - O “facies” cerâmico de *Olisipo* (Lisboa) no período Júlio Cláudio: uma primeira aproximação a partir de contextos suburbanos selecionados. In *Actas do Workshop internacional La Configuración de los facies Cerámicos Altoimperiales en el sul de la Península Ibérica: tecnología, producción, difusión y comercialización de cerámicas finas de origen bético en el Sur peninsular durante el Alto Imperio*. Granada. Universidad de Granada-Facultad de Filosofía y Letras, 28 de Noviembre de 2013.
- Silva, R. B. (2015b) - O contexto Alto-Imperial da Rua dos Remédios (Alfama - Santa Maria Maior, Lisboa): Vidros, Cerâmicas e Análise contextual. In Quaresma, J. C.; Marques, J., eds. - *Contextos Estratigráficos na Lusitania (do Alto-Imperio à Antiguidade Tardia)*. (AAP Monografias 1). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 41-67.
- Silva, R. B. (2015c) - Acerca de um almofariz itálico com marca de oleiro de *M Cominivs Satvrninvs*, de Lisboa. *Estudos e relatórios de Arqueologia Tagana*. [s.l.; s.n.]. 4.
- Silva, R. B. (2018) - A “via Norte” de *Olisipo*: a arqueologia da Praça da Figueira (Lisboa), a caracterização dos troços viais e a dinâmica da paisagem suburbana envolvente. In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I., eds. - *Meios, vias e trajetos... Entrar e Sair de Lisboa* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 2). Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL; SGL/SA, pp. 73-86.
- Silva, R. B.; Man, A. (2015) - Palácio dos Condes de Penafiel: a significant late antique context from Lisbon. In Gonçalves, M. J.; Gómez-Martínez, S., eds. - *Proceedings of 10th International Congress on Medieval Pottery in the Mediterranean (Silves & Mértola, 22-27 October 2012)*. Silves: Câmara Municipal de Silves, pp. 455-460.
- Silva, R. B.; Nozes, C.; Miranda, P. (2015) - O contexto [9033] da Praça da Figueira e a circulação de produtos cerâmicos em *Olisipo*. *Estudos e relatórios de Arqueologia Tagana*. [s.l.; s.n.]. 2.
- Silva, R. B.; Valongo, A. (2016-2017) - A Urbanística do Subúrbio Ocidental de *Felicias Iulia Olisipo* (Lisboa): Um Contributo da I.A.U. da Rua do Ouro n.ºs 133-145. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. V, pp. 116-148.

- Soria, V. (2014) - A cerâmica de mesa de pasta cinzenta que imita protótipos itálicos tardo republicanos/proto-imperiais, proveniente da Alcáçova de Santarém. In *Actas del II Congreso Internacional da SECAH (Braga, 3-6 de Abril de 2013)* (Monografias Ex Officina Hispana 2). Porto. II, pp. 75-84.
- Sousa, E. (2016) - A Idade do Ferro em Lisboa: Uma primeira aproximação a um faseamento cronológico e à evolução da cultura material. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Universidad Autónoma de Madrid (CuPAUAM)*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid. 42, pp. 167-185.
- Stylow, A. U.; Ventura Villanueva, Á. (2018) - Inscripciones Asociadas a la *Scaena* del Teatro. In Mateos Cruz, P., ed. - *La Scenæ Frons del Teatro Romano de Mérida. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. LXXXVI, pp. 155-192.
- Sucena, E. (2006-2007) - O vale e o convento de Chelas. *Revista Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 58/59, pp. 167-176.
- Teichner, F.; Oberhofer, K.; Kopf, J. (2014) - Miróbriga (Santiago do Cacém, Portugal): Nuovi dati archeologici sul modello lusitano della residenza privata in Età Romana. In Álvarez Martínez, J. M.; Nogales Basarrate, T.; Rodà de Llanza, I., eds. - *XVIII CIAC: Centro y periferia en el mundo clásico/ Centre and periphery in the ancient world*. Mérida, pp. 1121-1124.
- Thuillier, J.-P. (2011) - Vingt ans au cirque. Des «Roman circuses» au «Cirque romain». *Theatra et spectacula. Les grands monuments des jeux dans l'Antiquité*. 1-2. [Em linha]. Disponível em WWW: (URL: <https://journals.openedition.org/edl/125>).
- Tranoy, A. (1974) - *Hydace. Chronique*. Paris: Les Editions du Cerf.
- Trillmich, W. (2006) - El anfiteatro de Nerón en Roma, visto desde la andanada. In *Coloquio Internacional Amphitheatrum, del edificio a los juegos (Museo Nacional de Arte Romano, 27-28 octubre 2006)* (resumos policopiados das comunicações). Mérida.
- Vale, A. (2001) - O Circo de Olisipo. *El Circo en Hispania Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, pp. 125-137.
- Vale, A.; Fernandes, L. (1994) - Intervenção Arqueológica no Largo de Santo António da Sé. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 3, p. 109.
- Vale, A.; Fernandes, L. (1997) - Intervenção arqueológica na Praça de D. Pedro IV (Rossio) em Lisboa. In *3.º Encontro de Arqueologia Urbana - Actas (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997)* (Monografias Arqueologia). Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 109-121.
- Vale, A.; Fernandes, L. (2002) - Intervenção arqueológica na Praça de D. Pedro IV (Rossio) em Lisboa. In Barros, L.; Henriques, F., coords. - *Actas do 3.º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana Almada, 20-23 de Fevereiro de 1997* (Monografias Arqueologia). Almada: Museu Municipal de Almada, pp. 109-121.
- Vale, A.; Fernandes, L. (2017) - O Circo Romano de Olisipo: exemplos de revestimentos. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 124-126.
- Valongo, A. (2014) - *Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos no edifício da Rua Victor Cordon n.º 29-33/ Rua do Ferragial 6-10A Lisboa*.
- Valongo, A. (2019) - *Relatório final dos trabalhos arqueológicos no edifício da Rua Victor Cordon n.º 29-33/Rua do Ferragial 6-10A Lisboa*.
- Valongo, A.; Pimenta, J. (2017) - Os achados arqueológicos. 31 - *Cordon Lisboa: um edifício com história*. Lisboa: Eon - Indústrias Criativas, pp. 74-117.
- Vaz, T. G. (2010) - *Contribuição para o estudo dos movimentos de vertente desencadeados por eventos sísmicos em Portugal Continental*. Dissertação de Mestrado em Geografia Física e Ordenamento do Território. Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa.
- Vieira, C. J. C. (1998) - *Capitéis de Ara do Municipium Olisiponense*. Dissertação Final de Mestrado em História da Arte. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Vieira, V. N. (2012) - Os mosaicos, pinturas e elementos arquitectónicos do Beco da Cardosa em Alfama. *Portugal Romano - Revista de Arqueologia Romana*. I: 3, pp. 116-124. [Em linha].
- Vitruve (1965) - *Les dix livres d'architecture*. Paris: Ed. André Balland. Dir. Bernard Gheerbrant.
- Wolfram, M. (2011) - *Uma síntese sobre a cristianização do mundo rural no sul da Lusitânia. Arqueologia - Arquitectura - Epigrafia*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Lista de Autores

ALEXANDRA GASPAR

Direção-Geral do Património Cultural.
alexandralinogaspar@gmail.com

ANA GOMES

Direção-Geral do Património Cultural.
agomes711@gmail.com

ANA VALE

Direção-Geral do Património Cultural.
avale@dgpc.pt

ANTÓNIO VALONGO

antonio.valongo@gmail.com

CARLOS CABRAL LOUREIRO

Museu de Lisboa / EGEAC.
carlosloureiro@egeac.pt

CARLOS FABIÃO

Uniarq: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
cfabiao@campus.ul.pt

CAROLINA GRILO

Museu de Lisboa | Teatro Romano / EGEAC; Uniarq;
Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
carolinagrilo@egeac.pt

CRISTINA NOZES

Centro de Arqueologia de Lisboa /
Câmara Municipal de Lisboa.
cristina.nozes@cm-lisboa.pt

HELENA PINHEIRO

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

JACINTA BUGALHÃO

Direção-Geral do Património Cultural; Uniarq;
Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa;
CEAACP-UC: Centro de Estudos de Arqueologia, Artes
e Ciências do Património / Universidade de Coimbra.
jacintabugalhao@gmail.com

LÍDIA FERNANDES

Coordenadora do Museu de Lisboa | Teatro
Romano / EGEAC.
lidiafernandes@egeac.pt

MARIA PILAR REIS

CEAU - Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo
da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
pilar.reis@gmail.com

MARIA TERESA CAETANO

Artis - Instituto de História da Arte da Faculdade
de Letras de Universidade de Lisboa.
mtvcaetano@gmail.com

NUNO NETO

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

PAULO ALMEIDA FERNANDES

Museu de Lisboa / EGEAC; CEAACP-UC;
Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências
do Património / Universidade de Coimbra; Instituto
de Estudos Medievais / Universidade Nova de Lisboa.
paulofernandes@egeac.pt

PAULO REBELO

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

RAQUEL HENRIQUES

raquelinhahenriques@gmail.com

RAQUEL SANTOS

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

RICARDO ÁVILA RIBEIRO

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

RODRIGO BANHA DA SILVA

Centro de Arqueologia de Lisboa / Câmara Municipal
de Lisboa; Departamento de História / CHAM -
Centro de Humanidades / Faculdade de Ciências
Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa.
rodrigobanhadasilva@gmail.com

VANESSA FILIPE

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

VASCO NORONHA VIEIRA

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

VICTOR FILIPE

Uniarq: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
victor.filipe7@gmail.com

Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA Catarina Vaz Pinto	Municipal da Amadora; Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos; Câmara Municipal de Cascais; Câmara Municipal de Loures; Câmara Municipal de Mafra; Câmara Municipal da Moita; Câmara Municipal de Oeiras; Câmara Municipal de Palmela; Câmara Municipal do Seixal; Câmara Municipal de Sesimbra; Câmara Municipal de Sintra; Câmara Municipal de Torres Vedras; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Centro de Arqueologia de Almada; Direção-Geral do Património Cultural (DGPC); DGPC/ Direção Regional de Cultura do Norte; DGPC/ Museu Nacional de Arqueologia (MNA); EGEAC – Cultura em Lisboa (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural E.M.); Empark Portugal – Empreendimentos e Exploração de Parques, S.A.; Empatia – Arqueologia Lda.; Eon – Indústrias Criativas LDA; Eurostar Museum Hotel (Lisboa); Era – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património S.A.; Geopark/Naturtejo da Meseta Meridional; Geopark / UNESCO / Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura; Hotel Governador (Belém, Lisboa) / Nau Hotels & Resorts; Museu Arqueológico do Carmo/ Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu do Dinheiro/ Banco de Portugal; Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS); Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC)/ Fundação Millennium BCP; Neoépica – Arqueologia	e Património Lda.; Quinta de S. Sebastião. Vinho Regional de Lisboa; The 7 Hotel (Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade de Serviços Financeiros e Investimentos Lda.; Egas Moniz - Cooperativa de Ensino Superior/ Instituto Universitário Egas Moniz e Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz (CIIEM); Universidade de Aveiro - Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas; Universidade de Coimbra/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAAC); Universidade de Évora / Laboratório Hércules; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Arquitetura/ Forma Urbis LAB; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Ciências/ Departamento de Geologia; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa (CEC); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Instituto de História de Arte (ARTIS); Universidade de Lisboa/ Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Instituto de Estudos Medievais (IEM); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas /Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA); Universidade Nova de Lisboa/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Departamento de História de Arte.
DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA Manuel Veiga		
DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA Jorge Ramos de Carvalho		
CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA António Marques		
COORDENAÇÃO GERAL Jorge Ramos de Carvalho		
GESTÃO DE PROJETO Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML António Marques – CAL/DPC/DMC/CML Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML Manuel Oleiro – EGEAC		
PARCEIROS DO PROJETO ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património Lda.; Câmara Municipal de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer; Câmara Municipal de Almada; Câmara		

Livro

TÍTULO Lisboa Romana <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> . A capital urbana de um município de cidadãos romanos – espaço(s) de representação de cidadania	Vanessa Filipe Vasco Noronha Vieira Victor Filipe	TIRAGEM 1.500 exemplares
COORDENAÇÃO DO VOLUME Lídia Fernandes – MUSEU DE LISBOA – TEATRO ROMANO / EGEAC Paulo Almeida Fernandes – MUSEU DE LISBOA / EGEAC	REVISÃO DO VOLUME Ana Sofia Antunes – CAL/DPC/DMC/CML Cristóvão Fonseca – MUSEU DE LISBOA – TEATRO ROMANO / EGEAC Inês Viegas – DPC/DMC/CML Lídia Fernandes – MUSEU DE LISBOA – TEATRO ROMANO / EGEAC	EDIÇÃO CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
INVESTIGAÇÃO E AUTORIA Alexandra Gaspar Ana Gomes Ana Vale António Valongo Carlos Cabral Loureiro Carlos Fabião Carolina Grilo Cristina Nozes Helena Pinheiro Jacinta Bugalhão Lídia Fernandes Maria Teresa Caetano Nuno Neto Paulo Almeida Fernandes Paulo Rebelo Pilar Reis Raquel Santos Ricardo Ávila Ribeiro Rodrigo Banha da Silva	COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO Ana Sofia Antunes – CAL/DPC/DMC/CML Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML © Câmara Municipal de Lisboa, autores dos textos de cada volume e editora Caleidoscópio. DESIGN GRÁFICO José Ribeiro	CALEIDOSCÓPIO - EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA Telef.: (+351) 21 981 79 60 Fax: (+351) 21 981 79 55 caleidoscopio@caleidoscopio.pt www.caleidoscopio.pt ENDEREÇO DE EMAIL DO PROJETO lisboaromana@cm-lisboa.pt FACEBOOK: https://www.facebook.com/lisboaromanaLX/ INSTAGRAM https://instagram.com/lisboaromana TWITTER twitter.com/LisboaRomana
	ISBN 978-989-658-663-8	
	DEPÓSITO LEGAL 463308/19	